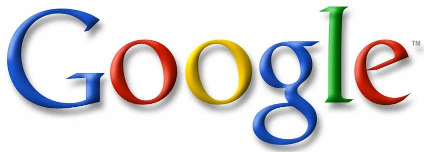
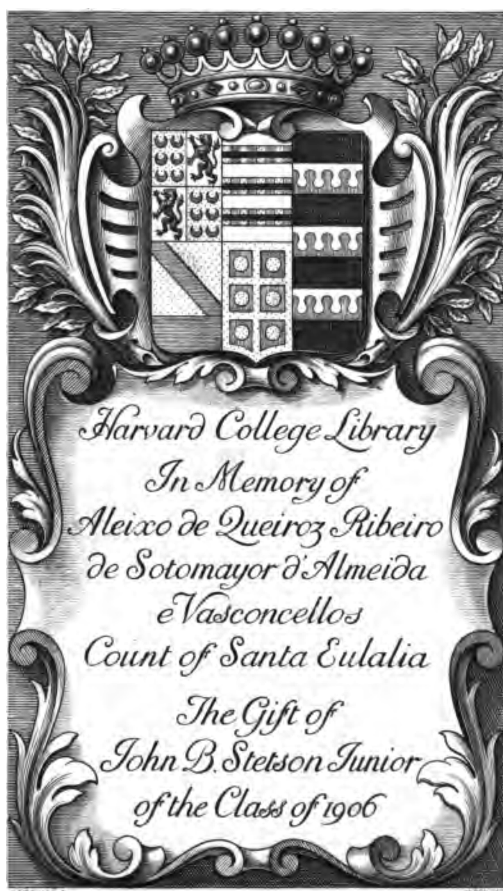

Google


WIDENER
HN ZJ5X 3


HARVARD
COLLEGE
LIBRARY


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

85

MANUEL FERREIRA DA PORTELLA

CANTOS NA SOLIDÃO

COM UMA INTRODUCÇÃO

POR

Anthero de Quental



COIMBRA
IMPRENSA LITTERARIA
1865

AO

EXCELLENTISSIMO SENHOR CONSELHEIRO

ANTONIO XAVIER DE CERVEIRA E SOUSA

EM TESTEMUNHO

DE

RESPEITO, AMIZADE E GRATIDÃO

Ce n'est pas la langue qui fait la poesie,
c'est la partie divine du cœur humain.

EUGÈNE PELLETAN.



O AUCTOR.

PROLOGO

Antes de tudo quero mostrar ao publico as condições com que lhe appareço.

Bem se vê do que adiante se me diz, e do muito que se me disse, que com bem pouco entendo eu ir pela primeira vez fornecer o banquete geral, tão esplendido já d'illustração, vida e riqueza. Nem tão peccador serei eu por isso; querer e tentar cabe na mais pura intenção.

Como para illudir a vigilancia dos criticos na presente estreia procurei eu juizes illustrados e bons para a contestação e apuro de verdade primitivamente reconhecida; supponho havel-os achado precisamente. Exigi severidade e rigor na apreciação: era escusado exigil-o; nenhum caracter sério e sisudo de natureza põe em antithese a consciencia com a palavra.

Salvou-se-me o coração; nem podia deixar de ser assim, que para o coração não ha regras prescriptas, nem se entende a alma com o que se diz lá fóra: do mundo pretende ella fugir para os ambientes altos, já farta de o conhecer e supportar.

Atiradas, pois, mais flechas contra mim, ainda assim terão poder para novas sensações? Não o supponho, pois

que nem eu creio, que a ventura intima me seja contestada, nem o conceito, que formei, despersuadido.

Mais: quem preferiu a austeridade da critica sincera e justa á hypocrisia aduladora, tambem entendeu ser mais estimado o perfume d'uma rosa natural, que o brilho das grinaldas postiças, inodoras e artificiaes, como tantas por ahi se vêem. Saberei, se me engano.

Agora mais duas palavras para intelligencia da disposição do livro.

Isso que ahi vae hoje correr mundo, antes de haver o titulo — *Cantos na solidão* — medrou na minha gaveta com as baptismaes e ingenuas palavras — *Meus unicos prazeres*. E eram-n'o de certo! No intervallo de lagrima a lagrima quantas vezes por um som vibrado por mim n'esse mundo solitario, e vivido a meu modo, não fui eu lá longe dos bulicios mundanos achar para as maguas lenitivo suave! Mysteriosa antinomia! poesia por desgraça! prazer por desconsolo.

E amontoaram-se as queixas mais ou menos sonoras. Puz em paginas humidas o sangue do coração transido, e algumas folhas manuscriptas me appareceram em frente; verdadeiros reflexos d'alma esvaída em prantos.

Eis a primeira épocha — a dos negrumes e soffrimentos.

Depois a resignação; depois a um lampejo esperançoso palpando a natureza, aspirei-lhe as fragancias, e senti vida, depois de crer e descrer, depois de descrer e chorar, depois de chorar e succumbir muitas vezes.

Duas épochas mais por conseguinte; ainda n'um mundo escurecido, mas já com seus vagalumes luminosos, já com suas raras estrellas no horizonte — é o despertar do coração — são mais dous capitulos da minha biographia melodiada e sorrida.

Todavia em bem poucas partes se devisa ella propriamente n'este livro. É o mesmo: são as franjas á vista do mesmo ligamento dos cortinados occultos do coração; fabricou-as o mesmo artifice, a feição não póde divergir muito. Mais agonias e menos agonias são o seu padrão cognoscitivo; mais lagrimas e menos lagrimas a chronologia das vicissitudes do espirito.

Primeira, segunda e terceira parte, em que se divide a exposição das poesias, são com alguns desvios a trindade de sentimentos successivos, que indicam menos pungimento á medida que mais vou caminhando para a vida. É grata essa coincidencia de factos: se não é boa a prophecia, quando lagrimas tem purificado, e os labios vão parecendo querer sorrir talvez ao pé do tumulo.

O auctor.

INTRODUCÇÃO

Comecemos pelo principio — para começarmos este discurso d'alguma maneira original.

Isto não é uma critica, e menos ainda um elogio. A critica deixemol-a aos sabedores de regras horacianas, aos levitas das unidades aristotelicas, aos academicos, que bem se entendem com ella — em quanto que ella, coitada, nem já sei como com elles se entenderá...

O elogio, esse, é outra cousa. É moeda corrente na litteratura contemporanea. E moeda de tão boa lei que me asseguram pessoas entendidas terem muitas das nossas primeiras celebridades achado a melhor parte de suas riquezas de nomeada e gloria na gaveta aonde os seus amigos intimos guardam aquelle *potosi* de phrases douradas com que se compra a vigilancia dos Argos litterarios, de sentinella ás portas *estreitissimas* da Reputação.

Pois dêmos nós o seu a cujo é. Aos pausados legisladores d'alheios enthusiasmos dêmos a critica sisuda, grave e bem posta, matrona respeitavel que ainda póde admirar na face apopletica de José Agostinho de Macedo os ultimos lampejos da inspiração arcadica, essa nedia e rotunda poesia de desembargadores e frades. E aos modernos arcades, que a dous e dous vemos passar de braço

dado nos jardins litterarios do folhetim e das revistas, deixemos nós o cuidado de comporem em collaboração as trovas e idyllios d'essa fraterna e innocente pastoral do elogio-mutuo — *ambo cantare pares... arcades ambo.*

Depois d'isto fica-nos pouco, é verdade. Mas que importa, se a essa pequena cousa lhe podérmos chamar poesia?

Ora poesia, dizia eu, poesia sincera e sentida ninguem a poderá negar nos versos do Sr. Portella. Do mais não sei; por que as pretenções litterarias do auctor são poucas ou nenhumas, e não será por aquillo mesmo que lhe falta que o hei de ir apreciar. As regras da arte são optimas: mas esta poesia é que foi concebida e executada sem arte, sem modelos, e sem estudo — que a póde haver, e excellente, sem nenhuma d'estas cousas. Deixa-se fallar o coração: e d'esta simples liberdade dous lucros importantes se tiram. Tem-se a certeza de se ser verdadeiro, por que se é sincero; e desarma-se a critica, que nada tem que ver com o que escapa naturalmente aos seus preceitos e gosto tradicional.

Não sei se bem condiz com as prescripções dos mestres esta poesia que se faz exclusivamente com o que sentimos, e esquecendo-nos do que sabemos e nos ensinam os livros velhos... e ainda os novos folhetins. São boas cousas, por certo, os preceitos litterarios: nem nego que os caminhos da esthetica erudita e do gosto cultivado possam levar, com maior ou menor canceira, até aquelles altos d'onde a olho nu se avistam os livres horizontes do Bello. Muitas e boas cousas nos ensinam os livros — digo os bons livros, que são pouquissimos. Quem os seguir vae bem, por que vae na companhia dos mais altos pensamentos e das mais nobres palavras que diante da alma dos homens se tem levantado. A tradição

poetica é verdadeira — mas o que ella não é nem póde ser é a unica *lei* a seguir sob pena d'heresia. Uma formosura não exclue a possibilidade d'outra, e muito differente, e porventura opposta nas graças, nas feições, na expressão. Além da esthetica e da litteratura ha ainda uma cousa — o coração. Os grandes poetas foram grandes sabedores, por certo: mas não sei bem se foi todo esse saber que lhes deu aquelle grande coração cujo calor ainda *cá* de longe e a distancia de seculos nos aquece e alumia. A sciencia dá ao genio a segurança, a firmeza que fazem a consistencia e a exacta proporção das obras. Mas a obra, essa sahe toda da alma — e para a alma não ha senão uma lei: a sinceridade.

Eis o que tinha a dizer ao Sr. Portella, para que não escute de mais as criticas que lhe hão de fazer certos *entendedores*: e ao publico, para que não procure n'estes versos exactamente aquillo que elles não são — isto é, uma obra litteraria segundo o gosto e as tradições recebidas.

N'este ponto tem mais de um defeito, e talvez defeito capital, os sentidos versos do Sr. Portella. A arte tem exigencias com que não condescende facilmente quem escreve antes por um desafogo de coração quasi a trasbordar de sonhos e impressões, do que pelo frio prazer d'architectar um d'esses edificios proporcionaes e completos a que chamâmos Obras-primas. Exige pacientes cuidados de attenção que não condizem com a impetuosidade tumultuaria d'essa cheia de desejos, ardores, decepções ou doudas esperanças que trasborda d'um coração moço e inexperiente, tanto mais poetico por isso mesmo. Originalidade d'assumptos, rigorosa proporção d'ideias, logica de sentimentos e imagens, harmonia de verso, novidade de phrase — d'isto se esqueceu muita

vez o nosso cantor porque seu olhar se achava distrahido para outro lado, e seguramente mais bello, virado para o horizonte aonde as nuvens douradas escrevem aquelles hieroglificos mysteriosos d'amor e intima ventura que tão bem sabem decifrar uns olhos de poeta.

É esquecer muita cousa boa, dir-se-ha talvez. Seria, certamente, se a verdade do sentimento não compensasse todos estes naturalissimos descuidos. Tanta gente soez falla com excellente estylo, que não é de estranhar n'um bello coração, que tem muito a dizer, esta negligencia d'adornos, muitas vezes indicio de modestia e não de pobreza. Morram todas as poeticas do mundo, muito embora, mas salve-se a poesia! E se estas duas cousas, litteratura e inspiração, se acharam incompativeis no espirito do Sr. Portella, fez muito bem sacrificando a primeira...

Fóra do ponto de vista litterario adquire-se uma liberdade inesperada. Some-se do olhar a terra, a costa com as ultimas balizas plantadas por mãos d'homem. É o largo e desconhecido mar do sentimento! Os ventos que ali reinam tem por unica lei o capricho. E' o mundo do imprevisto. Deixemo-nos levar na corrente d'essas ondas azues — mas não lhes perguntemos d'onde vem, que sopro as traz, para onde as leva, e a nós com ellas, a descuidosa indolencia do seu correr.

Não estranhemos tambem a côr desusada do mar, a attitude phantastica das nuvens, a vegetação das aguas, a voz das aves desconhecidas que cruzam n'aquellas paragens solitarias. Aceitemos tudo isto, visto não termos medida por onde avaliar a naturalidade ou desnatúralidade de todas essas criações inesperadas.

Conhece-se que o poeta sentiu, e n'este genero de poesia é quanto nos deve bastar. Através da singeleza

d'aquelles versos, como no fundo de uma agua limpida, vê-se mover o coração e pulsar no fluxo e refluxo do sangue. Uma voz que parte d'alma não póde deixar-nos insensiveis. Em despeito da incoherencia de certos sons, ha n'aquelle canto espontaneo um não sei que revelador de mais intimas verdades do que muitas e bem compostas arias que todos conhecemos — gratas ao ouvido, certamente, mas cuja harmonia morre no ouvido e não passa além.

Mas será isto sufficiente, perguntarão, hoje principalmente, com as difficeis condições que a exigencia do tempo faz á poesia contemporanea?

O Sr. Portella sabe perfeitamente que não.

A sua nobre modestia salva-o d'um escolho, tão perigoso talvez como a excessiva timidez — a confiança excessiva. Não serei eu que, por elle, vá commetter esse feio peccado d'orgulho. A poesia hoje não póde contentar-se com o ingenuo e descuidoso descante do *trovador*. E' quasi já uma sciencia — e que sciencia!.. a sciencia do Ideal! E' preciso que saiba e muito... saiba tanto quanto sente. E' do dominio do coração — com esta condição, de ser tambem do dominio da intelligencia. Quando estas cousas intimas se escrevem tem obrigação de serem cousas litterarias.

O Sr. Portella, na sua nobre e juvenil confiança no sentimento, acredita na antinomia da Inspiração e da Arte. Eu, que sou mais velho e por isso menos poeta, atrevo-me a dizer-lhe que se engana.

Não fazem mal as musas aos doutores:

diz o velho Ferreira. Nem ao poeta lhe faz mal ser um pouco doutor — já se sabe que não digo Doutor da Uni-

versidade, que isso é outra especie de sabedoria que não cabe em versos serios.

Tudo isto é uma questão muito antiga. A velha pendencia entre criticos e poetas! Se não fez ainda correr uma gôtta de sangue, que eu saiba, ameaça-nos todavia com um diluvio de tinta que de dia para dia se vae tornando inevitavel. O poeta não quer estudar, e o critico não sabe sentir — não é facil que se entendam...

Pois havemo-nos nós entender, eu e o Sr. Portella; elle, fazendo-se um pouco menos poeta do que é; e eu, um pouco mais, se ainda puder. Assim daremos um grande exemplo ao mundo litterario, que bem precisa d'elle — um exemplo de bom-senso.

Anthero do Quental.

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRA PARTE

CONTEMPLAÇÃO

Junto á campa, em profunda soledade,
encarando a marmorea cruz erguida,
cujo pedestal peza em frio peito,
é bello contemplar. Suspiros d'alma,
levae, levae-me agora em doces extasis
ao fundo do sepulchro as ancias minhas.

Voaram nos espaços grandes genios,
e nenhum inda disse o que hi se passa;
e eu quizera sabel-o, desejára
em epitaphios ler o grão mysterio.
Responde, ó grande Socrates famoso:
tu Cicero, Platão, e tu Voltaire,
e vós Virgilio e Homero, eximios bardos,
a par do meu Camões dizei-me todos
se d'ahi vêdes cá os vossos louros
pelo mundo espalhados: ai! quão duro
é no peito nutrir amargas duvidas!

E eu venho por taes horas, horas magas
de melancolico sentir, sosinho
aqui interrogar as mudas lousas!..

Gelidos corações, corruptos peitos,
descarnados 'squeletos, brancos ossos,
que escondidos jazeis, á vista vinde,
que quero bem sentir meu pobre nada!

....

O que tu és, homem! que falsos sonhos!
que douradas esp'ranças illusorias!
Sopro vital, que acalentando um lodo
me tiraste algum tempo d'esse sitio,
medonho como as trevas, que o circumdam!
Sim: ha pouco era eu nada, e nada sendo
não tinha coração para as torturas;
não tinha prantos, suffocantes haustos,
que vem cá dentro requeimar-me as fibras
do flagellado peito: ai! minhas maguas,
como eu quizera não sentir-vos nunca!..
E vivo! não entendo! o que é a vida
em porção de materia encarcerada?!
A tyranna, esse monstro, que se occulta
n'este sordido manto pr'a cevar-se,
se vive, mordem-n'o seus proprios dentes!

Fadario negro! E quem a razão sabe
d'esta transformação? Porque, Deus justo,
fizeste a vida, sem poderem vivos
d'um Pae immenso herdar as mesmas forças?
E quem entende a causa, se vós outros,
Milton e Dante, Byron, Shakspeare,
Petrarcha, e muitos outros, que mais longe
os vôos levastes d'um pasmoso engenho,
jámais o conhecestes!....
Fica-te, ideia!
poderás tu ir abranger o infindo?!

A meus pés, a meus pés, eis a verdade;
tudo o mais nada importe ao pobre insecto.
O sepulchro! o sepulchro! horrido brado,
que nas arterias gela o vital sangue!
O sepulchro! o sepulchro! horrendo solio
do pobre ambicioso, que definha
em fadigosas luctas rindo incauto!

....

Caminhae, gerações, accumulae-vos
umas sobre outras no volver dos seculos,
e umas sobre outras passageiras sombras
sereis do leve pó, solto no espaço,
erguido por um halito divino!
Surgi, honrosos brilhos; despertae-vos,
glorias insensatas, ou modestas:
originae-vos, puras amizades,
castos amores próvidos, sublimes:
e em nada vencereis a régia força,
que, derribando essas vaidades loucas,
a um sopro seu fatal as aniquila,
e funde no crisol das igualdades
os seres movediços! Mal distinctos
na balança pendente de mão justa,
immensa, sabia, omnipotente, eterna,
medirão todos o commum abysmo!

Dores minhas sentidas, resentidas,
porque ingente vingança quereis pois?
Que vos importa o mundo, que persiste
em pôr á vossa frente o rosto austero?
Por um pouco sentir d'ingrato gozo
um bem real castigo é a chimera!..

AO SOL

Gloria a Deus!
SOARES DE PASSOS.

Meteoro sublime! luz immensa!
Olho da Providencia milagrosa!
cujo ser contemplado, mais pasmosa
se concentra d'um Deus a eterna crença!

Detem-te lá, milagre, que apavoras!
vida do mundo todo! enorme facho!
Se aos insectos, como eu, aqui debaixo,
como ahi te contens, dizer-lhe fôras!..

Mysterio impenetravel! Poder summo
de esplendor, omnisciencia inattingivel,
cujo ambito infinito, incomprehensivel,
encerra o que em valor não tem resumo!

Montes, valles, planicies, vastos mares...
que mirificas cousas que aqui vejo!
mas se mais se subleva o meu desejo
da terra para o sol, para... não páres,

não páres, vôa, mente indagadora...
e vê que atrás só fica átomo leve!
E quem a immensidade ahi concebe,
se um astro, d'ella um pó, me assombra agora?!..

Irradia a luz; vae, disperta o mundo!
abre-o! a atmosphera aclara-se! Que espanto!
d'um ponto rutilante brilho tanto
as portas das manhãs a abrir jucundo!

Senhor! ó Rei dos reis, do sabio e inculto,
pelo que a mente abrange, vê, soletra,
por tudo o que ella ainda não penetra,
quem ha que diga — Deus! — sem pasmo e culto?!



SONETO

A MEUS PAES

Não sei, se estima dou, se amor vos rendo,
meus venerandos paes da minha inveja,
que a estimar-vos, não sei o que o amor seja,
que a amar-vos, tanto amor não comprehendo.

Mas inda d'esta estima a força vendo,
eu sinto o coração, que bem se peja
de não amar: e amando, que deseja
ter inda mais amor, que tanto tendo.

E porque assim não vivo consolado,
quizera ter de vós menos estima,
pr'a pagar com amor, sendo estimado:

mas como estima daes do amor acima,
não sei de qual amor estou tomado,
que quanto mais se tem mais desanima!



O TISICO

Tenho tosse, doe-me o peito,
sinto-me magro, desfeito
pelas repulsas do amor!
Mulher, mulher, que fizeste!
a matar-me te atreveste,
sem respeito a tanta dor!

Propheta da minha morte,
bem quiz eu fazer-me forte
contra teu fero desdem,
não pude; élo tão intenso
era rijo, eterno, immenso,
quebral-o não póde alguem!

Choroso puz-me a teu lado,
viste-me em frente prostrado,
e nem isso dó te fez!
Olha agora p'ra o meu rosto!
não te causará desgosto
tão funerea pallidez?..

Maldicto o dia, maldicto,
que innocente vi escripto
n'um teu olhar o meu ceu!
Não sabia as leis do mundo,
todo d'enganos fecundo,
d'onde o peccado nasceu.

Mas, mulher, d'esses teus crimes
de certo te não eximes
sem ter um dia perdão;
tu fizeste-me o futuro;
de ser triste, mau e duro,
é causa o teu coração.

Olha este sangue retinto,
que d'um peito quasi extincto
vem meus labios aquecer:
é o Ceu a condemnar-te,
por minha bôcca a chamar-te
ao remorso, que has de ter.

Eras linda pr'a matar-me,
e eu julguei que para amar-me,
oh, meu Deus! o que o amor faz!
Agora és linda assim triste:
ai! quem sabe já se existe
affeição, que ás penas dás?!...

Vive sim, que tu és nova,
e meu cadaver na cova
já não póde amar-te mais:
mas ai! de lá julgo ver-te
chamar por mim, desfazer-te
em soluços, prantos, ais!

Não, não póde alguem tão digno
recompensar-te benigno
um pulsar do coração!
meu pranto sendo lembrado,

nunca mais dirás — coitado!
sem ter amor por paixão!

Adeus! a campa me espera:
tu triste agora pondera
este amor até ao fim:
e já que não tem remedio
meu mal, ao menos sem tedio
resa-me por alma, sim?..



UMA MÃE

'Stava inda tenro menino
entre as faxas envolvido,
e, por 'star tão dolorido,
tive dó do pequenino,
que uns lindos olhos abria
— soluçava... soluçava...
que nem chorar já podia.

Embalei-o, e a face linda
de cutis branca e mimosa
osculei, que era uma rosa,
que não tinha visto ainda;
e scismando, quem seria,
— soluçava... soluçava...
que nem chorar já podia.

Cobri-lhe mais o corpinho,
que meio nu se pozera:
a posição dura era,
levantei-o com carinho,
suppondo a sua agonia:
— soluçava... soluçava...
que nem chorar já podia.

Entre os meus braços, coitado,
mais afflicto se tornava:
'stremecia, bracejava,

no extranho collo pousado:
outra vez no berço o via,
— soluçava... soluçava...
que nem chorar já podia.

Entretanto em pé ligeiro
vinha um vulto feminino,
e, de quem era o menino,
lhe perguntei sobranceiro:
— É meu! — em ancia dizia;
e pegando-lhe, o coitado
já não soluçava, ria!



AMIZADE

A MEU PRIMO

M. L. FERREIRA LEBRE, E SUA ESPOSA

Que fôra o mundo d'illusões tão cheio,
se a doce esp'rança não raiasse lá?
que fôra o homem n'este mar de dores,
se lenitivo não achasse cá?

Doce amizade! sentimento nobre!
como é suave teu celeste odor!
Como é suave teu benigno ardor
do mal no cumulo, que o peito encobre!

Quem ha, quem ha, que de ti perdido
por esse dédalo de horror sem fim,
não esmoreça, não definhe em lagrimas,
que tu resgatas a sorrir assim?

Filha do Ceu! pelo correr do dia
o sol brilhante d'inspirada luz,
que has sido, és inda no levar da cruz
meu Cyrenneu pela espinhosa via.

Quem viu o pobre a contorcer-se á mingua,
se este horizonte enxergára a rir?

Quem viu o grande revolver-se em penas,
se aquelle cofre pôde então abrir?..

É bella, é rica, é suave, é tudo,
tudo o que exprime divinal amor:
sempre mimosa, rescendente flor:
valente braço, e d'este braço escudo.

Pharol divino! minha estrella, salvé!
Salvé o laço, que me prende a ti!
Se a desventura me tem posto em lagrimas,
hoje não choro pr'a cantar-te aqui.



SONETO

Resoluto affrontando os mil escolhos,
que se erguem n'este mar d'immensa lida,
sorrindo das miserias d'esta vida,
toda cheia d'enganos e refolhos,

sarcasmos os mais vis em bem acolho-os;
supporto da traição a setta infida;
e, descrendo da gente pervertida,
da geral malvadez retiro os olhos.

Mas inda d'este modo, que pensado
bem parece sortir minhas venturas,
me penaliza um forte desagrado:

pois dos outros ao ver as desventuras,
me custa ser eu só o afortunado,
que vingo as más acções com acções puras.



HOJE

AO MEU AMIGO

M. T. ALEXANDRE CAVROÉ

Hoje — é o passar dos seculos:
um mover da immensa roda,
um ponto da esphera toda,
que gira gira sem fim;
mas n'um — hoje — vae-se ao tumulo:
e tambem — hoje — é a porta,
que se fecha ao mundo, e morta
nos converte a esp'rança assim.

Hoje — é um lampejo rapido
d'uma luz, que eterna mora:
um dia, um simples — agora —
d'esse infinito porvir;
mas n'um — hoje — a vida conta-se,
porque a vida dura sendo,
um instante d'ella havendo
faz-se por dores sentir.

Hoje — é uma nota simplice,
que destacada mal sôa:
um halito, que se escôa
da bôcca do sabio Deus;

mas n'um — hoje — os evos passam-se,
e cada — hoje — que dura,
um degrau á sepultura
faz o tempo em seus tropheus.

Hoje — é um simples vocabulo,
que em pouco ou nada consiste,
só diz vida a quem existe,
e morte a quem fallecer;
mas n'um — hoje — a mão deifica
leva p'r'além os pezares,
recua á vida os folgares
c'o remorso, e c'o soffrer.

Hoje — é um vôo subtilissimo
das eras, que vão seguindo:
uma gôtta d'esse infindo
rio, que passa veloz;
mas n'um — hoje — os annos erguem-se
ás gerações produzidas,
que sentirão opprimidas
o que hoje sentimos nós.

Hoje — é um pó d'essa mystica
eternidade futura:
um nada, que nada dura,
se a infinidade se lê;
mas n'um — hoje — as crenças fogem-nos,
n'um dia o peito se finda,
e um dia é mais que — hoje — ainda:
e — hoje — (ai de mim!) já é!





(Palinodia)

A MEU PRIMO

J. F. DA PORTELLA JUNIOR

> Oh! demain c'est la grande chose!
> De quoi demain sera-t-il fait?
> VICTOR HUGO.

Ámanhã — ser póde a meta
das nossas falsas esp'ranças:
ámanhã — ledas bonanças
podem com ellas fugir;
mas — ámanhã — é porvir,
que é o pharol d'esta vida,
e assim sendo é luz querida,
que vem n'alma reflectir.

Ámanhã — é um som triste,
funebre, como o do sino,
quando um terrivel destino
tem de — ámanhã — começar;
mas — ámanhã — é esp'rar,
um — talvez — té lá medeia,
e um — talvez — é panaceia,
em quanto a dôr não matar.

Ámanhã — são tantas horas,
tantos apertos custosos,

quando lá brilham os gozos,
que só podem ser então;
mas — ámanhã — é o pão
do faminto de venturas,
pois inda a sentir agruras
diz: «— ámanhã — já não são».

Ámanhã — é baça estrella,
quando em duvida se espera,
se será o que se crêra,
ou se a crença acabará;
mas — ámanhã — não é já:
d'essa duvida a má face
é mais tarde que hoje, dá-se,
não hoje,— ámanhã — será.

Ámanhã — é sopro duro,
quando p'r' — ámanhã — nos foge
prazer, que havia ser d'hoje,
para mudança feliz;
mas — ámanhã — já se diz
com sentir menos amargo,
que esse bem não foi p'ra largo,
quando a troca o fado quiz.

Ámanhã — é voz infecta,
porque — ámanhã — é um passo
a fugir do tempo escasso
da mocidade louçã;
mas — ámanhã — é voz sã,
porque — ámanhã — vae nos annos,
que a morte são dos enganos.
« Ámanhã!... inda ámanhã!...»

LÁ LONGE

Lá longe, ai Senhor, tão longe,
tu de mim que pensarás?
Do viver do pobre monge,
pensativo entre as paredes,
inda ahi te lembrarás?

Pobre amante desditoso
o que longe vive só!
suspira e geme saudoso,
abraça o vulto que ideia,
e de si mesmo tem dó!

De dia junto á janella,
recostado sobre a mão,
pergunta ás brisas por ella;
mas as frescuras das brisas
quanta tristeza lhe dão!

Á noite ao brilho da lua
prophetisa o seu amor;
sobe a ella a alma sua,
e, se a nuvem vae cobril-a,
cahe-lhe no seio atra dôr.

Lá longe, ai Senhor, que sinto
descahir no peito meu!
parece a taça do absyntho,

que se entornou dentro d'elle:
ai, meu Deus! que penso eu?!...

Tu por outrem attrahida...
tu desprezando-me assim!..
Perdão! perdão! homicida...
é fazer-te atroz injuria:
mais justiça cabe em mim.

Mas lá tão longe, tão longe,
tu de mim que pensarás?
O viver do pobre monge,
pensativo entre as paredes
quantas vezes lembrarás?

Manda, pomba, que eu admiro,
pela brisa manda um ai,
que encontrando um meu suspiro
menos peso á vida gére,
quando em saudade descae.



AS FLORES DA CAMPA.

Á beira da campa coberta d'hervinhas
se erguiam florinhas de magico olor,
mimosas viçando n'um fertil contorno
fazia-lhe adorno seu parco fulgor.

Á dôr consagrado tão meigo composto
ali fôra posto por trémula mão;
assiduo desvelo jámais consentia
fatal barbaría da odiosa estação.

Mentido não era, não era tractado
com falso cuidado este flóreo tapiz:
a lympha, que o rega, é o pranto que cahe,
perfumes, que attrahe, são amor d'infeliz.

E eu ia em passagem, sosinho scismando,
alegre pausando meus passos seguia:
das crenças vaidoso risonho encarava
a dôr, que julgava jámais sentiria.

Cheguei-me, e as mais lindas das muitas que estavam,
que mais agradavam, buscal-as eu vou:
já prestes cutelo nas pobres tocava,
que voz, que extranhava, de súbito echoou·

«Suspende, inhumano! não ouses privar-me,
maldoso roubar-me tão doce penhor,

não valem, não servem p'ra ti seus encantos,
no mundo tão sanctos não gozam valor!

«Não prestam, não vae sepulchral adereço
um debil apreço nas toucas ganhar,
nem ricas grinaldas de brilho formosas
te podem as rosas da campa mostrar!

«Suspende, suspende, que é grande injustiça,
não gera cubiça tão pobre vergel:
final testemunho d'infinda saudade
prender-se não ha de ao mundano ouropel!

«Não ha de, nem póde mão vil e damninha
roubar-lhe mesquinha seu parco matiz:
nem deve, que o pranto sobre elle é desfeito,
e em pútrido peito vegeta a raiz!

«Suspende!...» E calára-se a voz em delirio;
se fôra martyrio ceifar-lh'as bem sei:
ergui-me contricto, fui perto sentar-me,
tristonho lembrar-me da acção que tentei.

Pungia-me o peito fatal agonia:
então conhecia do Eterno o poder!
— Não findam amores! — dizia comigo,
de fundo jazigo cá vem florescer.



ANTE CRUCIFIXUM

AO MEU AMIGO

P.^e A. J. DA COSTA FREITAS

Ecce Agnus Dei...

Eil-O! o grande Monarcha! e o pobre e humilde
cordeiro de Israel,
que, em vez de estrangular, foi presa tímida
das feras em tropel!
Eterno pelas glorias do martyrio,
nobre affrontando as vascas do delirio
resignado e fiel!...

Eil-O! o impávido Rei nas amarguras!
e o escravo no poder!
que, fazendo rodar os vastos orbes,
não quiz um pó mover!
que, abrangendo infinito potentado,
como insecto dos pés tripudiado,
sob os pés foi gemer!

Eil-O! o esplendido Sol dos sóes immensos,
que espalha toda a luz!
mas o lume finito d'alvo cirio
que em fragil mão reluz,
assoprado pela túmida soberba
entre as hilaridades da caterva,
que ao Golgotha o conduz!

Eil-O! o Mestre! o Senhor dos mil senhores,
vencido por amor!
e que seu peito rasga compassivo,
p'ra do sangue o rubor
deixar em sanctos traços p'ra o futuro,
e o que agora é mau, fingido e impuro,
ámanhã ter valor!

Eil-O! a Pérola de Sião! o grão Propheta,
e Pae das gerações!
mas pomba, que cahida d'azas presas,
a desplumam falcões,
cujas feras entranhas vão cevar-se!
Oh! e tão doce peito vae vingar-se
com divinos perdões!

Eil-O! Aquelle, que em manto de venturas
o mundo envolver quiz,
atirando aos espaços essa egide
de doçura feliz,
p'ra cahir sobre gente amada tanto!
Mas ai, mundo! que inda as pontas d'esse manto
levántaste, infeliz!...

Levantaste: mas ergue tu, minh'alma,
os vôos para ali:
adeja junto d'elle, infeliz martyr,
consolando-te ahi!
E tu, ó Cofre immenso de piedade,
acolhe a pobresinha na orphandade,
meu pranto ao pé de ti.

SONETO

Enfermos de vaidades, pobres d'alma,
ridiculos d'acções e torpes feitos,
se o mundo bem contemplo, mais aceitos
eu vejo que estes são e tem a palma.

Realisam o desejo, que os encalma;
divinisam-se, grandes nos conceitos;
e a tráctos respeitosos sempre affeitos
a vida no prazer se lhes espalma.

No entanto da ventura repellido
eu não sinto, que ao exemplo se me affaça
o fiel coração entristecido;

pois vendo, que a existencia é tão escassa,
tambem vejo um remorso mais temido,
do que a par da consciencia esta desgraça.



O POETA

Sem vergonha, o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
É não se ver prezado o verso, e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.
CAMÕES, *Lus.*

Que?! pois não conheceis o poeta, e daes-lhe escarneo,
vós outros, que o não sois? malvadez! pois quem mais
vos falla ao coração c'o coração?! Mesquinhos!
que d'enganos vivendo assim vos enganaes!

Dae louvor á vaidade, dae, que o mundo é isso,
repleto de traições, que o bardo detestou:
mas, porque elle vos dôa parcellas da sua alma,
lançaes ingratidão no bem que vos causou?!..

E a lyra, o plectro, acaso quebrareis? Não! odio
não é esse, que cale um som, se o som é Deus,
innocencia, doçura, amor, e mais que tudo
a pura consciencia, luz dos seus tropheus!

O poeta! que missão! que sorte! que destino,
gerado em seios divos! Mate-o o rude: o vil
deturpe-o, que bem póde, a pedra esmaga o ouro;
mas o brilho (que espanto!) fez-se mais gentil!..



O CEGO

AO MEU AMIGO E CONDISCIPULO

J. A. DA CRUZ SALGADO

Longue nuit! tourmente eternelle!
Le ciel n'a pas un coin d'azur!
VICTOR HUGO

Dizem, que o ceu tem estrellas,
tão fulgurantes tão bellas,
como esplendidos rubís,
mas eu sem vêl-as, olhal-as,
como poderei amal-as,
se eu não sei o que é belleza,
se eu não comprehendo a riqueza,
que tem pérolas gentís?

Oh! mundo! oh! escuras trevas!
oh! vil monstro, que me levas
entre dentes sem cessar!
Ai! o mundo! o que é o mundo?!
este pélago sem fundo
de sombras, e só de sombras?!
Que são jardins, e alfombras?!
que são rosas a cheirar?!

Ai de mim! nasci n'um tumulo,
onde só 'spectros em cumulo
me andam em roda a seguir!
Que familia tão damninha!
vêde, gente, a sina minha!
Os meus ouros são negrumes!
os meus astros são cardumes
de larvas a perseguir!

Apalpo o rosto cavado,
e não conheço o malvado,
que n'elle as mãos pôr-lhe vem!
Se lhe cospem, sinto afôgo:
mas que val occulto fogo
dentro de fechado cofre?
Pobre cego! tudo soffre!
podeis matal-o tambem!

Matal-o!.. meu Deus! bem morto
vivo eu pobre e sem conforto!
e que outra morte haverá
mais penosa que a que sinto?
pois a vida, que resinto
entre immensos dissabores,
será vida em taes horrores?
peior morte inda haverá?

Se ha, então, ó meu Deus,
porque a um momento dos meus
só um lampejo não dás?
porque querer não haveis,
que entre estas maguas crueis
eu diga «vivi um dia:

tive uma vez alegria!»
p'ra depois morrer em paz?
....
....

Que *riqueza!* a immensidade!
no espelho da eternidade
posso bem mirar-me a rir!
posso bem vestir aceios,
que me não faltam os meios,
para esplendidos enfeites!
Vêde: que *mar de deleites*,
do nascer ao succumbir!

Todo este *aureo pó* intenso,
que faz negro fumo denso,
vejam bem! *tudo isto é meu!*
por hi além essas furnas
com abóbadas soturnas,
tudo, tudo me pertence!
Digam lá, se alguem me vence
em ser mais *rico* do que eu?!

Que *m'importam* essas flores,
que vós vêdes multicores
todas dispersas ahi?!
Que *m'importam* as estrellas,
mais as candidas donzellas,
que gentilezas indicam?!
São bellas; mas não dedicam
firmeza que eu acho aqui!

Não troco meu negro mundo

por todo esse tão jucundo
de venturosa illusão!
Não troco... Cala-te, bôcca!
n'essa desesp'rança louca
não motejes ironias,
que todo o pranto, que crias,
me vem ter ao coração!

Que dôr! nem olhos ao menos,
para meus prantos serenos
ir lançar fóra de mim!..
Para a esperança, luz vaga,
logo a lagrima, que a apaga
entre os ferros da agonia!
Oh! quem me déra um só dia
por esta noite sem fim!..



SONETO

Quando ás vezes sosinho um Deus medito,
turba-se-me a razão, que em tal grandeza
envolvida esta curta singeleza
desvaira sempre em frente do infinito.

Quando penso tambem, por si predito,
no codigo geral, e na inteireza
de suas leis, e lhe sondo a profundeza
em cada pagina d'amor bemdito;

no coração busco azas, acho absyntho:
este corpo aborreço, que m'impede,
e ao mundo só consagro o horror que sinto.

E s'inda n'este estado eu rio, vêde,
que tal rir é o escarneo do faminto
p'ra o que dá pão a quem a morte pede.



O PADRE AMANTE

OU

O ABYSMO

Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflamma,
Dizem, que és dos mortaes suave abrigo;
Que enjôa e peza a vida a quem não ama:
Mas com dura experiencia eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.

BOCAGE

Não viu ella isto tudo, e eu não vi nada:
que tanto o amor nos cega, tanto engana!
Abraçar-me... abraçal-a... oh mão sob'rana,
que, fazendo-o, nos punes despiedada!

Anceia-me, e eu anceio-a: atroz martyrio,
que apontas cada espinho a cada peito!
que por seguir-me a segue um mau conceito,
que por deixar-me a deixas em delirio!

Mas eu porque a não deixo, ou a não sigo?
Ai! deixal-a é matal-a, e eu sigo a morte!
Vivemos para amar: e co'esta sorte
quem ama, que no amor não siga um p'rigo?!

E dest'arte o seu demonio
é o seu anjo tambem!
um anjo demonio todo
salvar-me e perder-me vem!
Dois demonios com dous anjos
como unir-se podem bem?!

Mal se unem, e bem não fogem:
bem unidos unem mal:
mal fugidos bem se ligam:
tende igual p'ra outro igual:
e no — não poder — o muito
muito faz, que nada val!

E que resulta? Dôr grande,
e prolongada maior:
dôr custosa no principio,
e sem extremo peior!
Bem occulto em doce liquido
anda o veneno traidor!

« Um beijo, mulher, um beijo!»
(Perdão, perdão! que disse eu?!
Não no ouças Deus do ceu,
não conheças meu desejo.)

Consentes?!.. porque consentes,
ó pobre infeliz mulher?!
Não t'o aceito! não intentes,
não deves, não póde ser!
Mas se o não fazes? Pranteias!
e se o não quero? me odeias!
Ó meu Deus, o que fazer?!

Deus!... tenho mêdo!... sim Deus!...
Mente ousada d'onde vens?!...
Que cegueira! já nem vias
o que em toda a parte tens?!
E depois?... Foi tempo ainda,
quando o tempo é pouco já!
Volve, mulher! salvos 'stamos!
E agora p'ra onde vamos?
P'ra o mesmo abysmo: cá 'stá!...

PORTUGAL (1)

AO MEU AMIGO E CONDISCIPULO

F. J. L. DE MATTOS VIEGAS

Meu Portugal, meu berço d'innocente,
minha esteira de flores recamada,
fertil solo banhado mansamente
de lympha d'esmeraldas marchetada:
minha patria, minha joia resplendente,
minha deusa, minha pérola adorada;
estes cantos, minha lyra, inda que pobre,
tambem votar-te quero, o amor é nobre.

Costumei-me a saber os teus segredos,
e os segredos bem sabes, como os sinto,
divagando em teus lindos arvoredos,
solitario pintando o que mal pinto
na juvenil idade dos folguedos,
mas na chamma de amores que resinto:
amores, doces fructos, linda amante,
que criaste, como Ceres fecundante.

Jardim d'Europa á beira-mar plantado,
a quem as salsas ondas dão frescura,

(1) Imitação adherida ás primeiras estrophes do poema—D. Jayme.

de verdes lindas galas adornado,
de aromas incensando a aragem pura,
que inebría o coração ao seu agrado:
e aonde as virgens vão em formosura
rivalisar co'as filhas das roseiras,
as segundas gentís como as primeiras.

O que te desdenhar mente sem brio
a consciencia ludibría, engana,
desconhece sua mãe, como o gentio,
o sancto throno esplendido profana,
não préza o doce bem de senhorio,
que saudosa fez gente Mauritana;
ou então não contempla em todo o espaço
os tapetes, que pisa a cada passo.

Patria, filha do sol das primaveras,
aonde aos corações não nasce inverno,
aonde se não vê rancor de feras
temidas como as larvas do inferno,
aonde, em vez de rábidas pantheras,
os peitos feminís dão amor terno,
e por elle outro surge em virís forças,
guardando, qual o gamo as meigas côrças.

Porque te miras triste sobre as aguas,
ás vezes recordando as eras ricas?
Diz, porquê, como a nympha, que as anagoas
mostra nas praias, pensativa ficas?
Dá-me as declarações, oh dá, que eu pago-as:
diz-me, porque razão te mortificas!
Ah! exulta, princeza! que vaidade!
que t'importam as glorias d'outra idade?!

Tres testemunhas tens, que ao mundo inteiro
comprovar hão de sempre os teus valores :
em quanto — o ceu — a terra — e o mar pregoeiro—
virem d'olhos humanos os fulgores,
Portugal será sempre o verdadeiro
monarcha d'esses reinos contendores;
e inda que antiga seja a vasta fama,
da cinza ardente bem renasce a chamma.

O mar na eterna lida porfiosa
de echoar não deixará teus nobres feitos,
e o ceu na harmonia gloriosa
os reflectirá sempre bem aceitos:
a terra em pasmo a ouvir, sempre assombrosa,
além por toda a parte dará preitos:
e se Camões os canta e divinisa,
o genio, que não morre, os eternisa.

Bramir ouviste o genio das tormentas,
e viste os bravos filhos arrostando-as!
Que heroes! com que amor, ó penna, assentas
estas recordações, feliz amando-as!
E tu, meu coração, que te contentas,
com quanta pressa bates, recordando-as,
e olhando sobre imperio tão pasmoso
o denodado Luso imperioso!

Fiel, sempre fiel á tua gloria,
sim, ó patria minha tão querida,
não houve para ti pagina ingloria,
que ponha mancha em tão honrosa vida;
esp'rança não nutriste, que illusoria
te abaixasse o poder na nobre lida,

affrontando escarceu sobre escarceu!
Conhece, nação minha, o sangue teu!

Qual no deserto o lasso viandante,
que á vista do crystal ancioso corre,
tal o peito Francez, todo anhelante,
quer haurir-te sequioso, e á sede morre!
Bussaco, tu padrão altisonante,
a provar tal verdade vem, concorre;
e tu, ó dura raça Castelhana
entre gente, diz, se ha mais força humana!

Aqui apura os raios de luz viva
por sobre amenos rios, que murmuram:
ali o matiz da flor se aviva
na que as borboletas mais procuram:
além o mago balancear se activa
dos ramos, onde os pomos se penduram:
áquem a philomela, e os melros pretos,
louvam tudo em seus flóridos corêtos.

Mas não é d'hoje só que o passageiro
encantado respira aqui fragrancias;
infeliz o que passa caminheiro,
que longe o ferirão saudosas ancias:
qual do Eden sahiu o pae primeiro
penosas achará longes distancias:
e eis porque, ó patria, a ti meu elo
jámais irei quebrar tão doce e bello.

Lua do meu paiz não me esqueceste,
não me esqueceste, não, que bem formoso
me lembra esse fulgor que te reveste

no ceu, nos lagos d'um anil mimoso,
na argentea alvura, que teu rosto veste:
bem me lembra o prazer, que ao ver-te gozo
pelas noites d'estio em sitio ermo:
oh! que encantos! que jubilo sem termo!

Por ti canto, meu berço d'innocente,
minha esteira de flores recamada,
fertil solo, banhado mansamente
de lympha d'esmeraldas marchetada,
minha patria, minha joia resplendente,
minha deusa, minha pérola adorada.
E oh! podéra eu cantar-te, qual Ribeiro,
e em ti dormir o somno derradeiro.

SONETO

Sumiu-se a minha estrella bonançosa,
apagou-se o pharol, que me guiava;
as flores da vereda, que eu trilhava,
de tantas nem sequer vejo uma rosa.

Ah! mundo! quantos ceus em ti um goza
á custa do punhal, que os outros crava!
Ah! crenças! quanto amor em vós se grava
para a uns dar sina boa, e a mim penosa!

Mas vives! — dizeis vós, que assim me vêdes
ás vezes entre lagrimas sorrindo:
—mas vives!—oh! que vida, em que vós crêdes!

Deixae-me n'este inferno ir proseguindo,
que d'um instante as mortes, que não lêdes,
eterno me farão, nunca existindo!



O GENIO

AO MEU AMIGO E CONDISCIPULO

M. J. DE ARRIAGA

Essencia vaporosa, que remonta aos ares,
e lá se coagula em puras lindas gôttas,
p'ra depois repousarem mansas, crystallinas,
em paginas douradas; qual puro orvalho,
que á luz do sol esplendido gentil se mostra
nas folhas revestidas de verdura olente,
tal o genio! Gigante, que audaz segue, e rompe,
por entre bandos pávidos, que o admiram serios,
e sempre grande, immenso: tudo fragil vendo
ao pasmoso brilhar da sua fouce, passando
semeia todavia incensos, joias, flores,
p'ra o mundo povoar d'espiritos illustres!

Ó genio! rei impavido
das gerações frequentes!
corôa, sceptro fulgido
das submettidas gentes!
throno gentil, esplendido,
de viva immensa luz!
aguia de vôos rapidos,
que nas alturas reluz!

Eu te saudo, cofre vasto, e altísono,
de riquezas cahidas lá dos ceus!
Eu te saudo, aurora sancta e fulgida
de mysticos tropheus!

Eu te saudo, estrella formosissima!
pelas trevas do mundo ingente guia!
Eu te saudo, ó harpa celeberrima
de magica harmonia!

Eu te saudo, flor altiva e candida,
gerada do divino immenso amor!
Eu te saudo, sol de fogo vívido!
meteoro illustrador!



VISÃO

Erguêra-se do tumulo sombrio
phantasma venerando:
roxas vestes trazia, caminhando
topou-me, conheci-o.

Pelos hirtos cabellos a agarrar-me
começa com desdem;
ao sepulchro me arrasta, abre-me os olhos,
e diz — repara bem! —

Reparo: e nada vejo mais que inermes
ossadas desfazendo-se,
e ao pé pútridas carnes revolvendo-se
com vis immundos vermes.

— Agora para o mundo vae de novo
d'isto esquecer-te, sim?! —
tôrvo me exclama. Acordo, vejo o povo,
e tudo esqueço emfim.



O ORPHÃO

—Onde vaes, innocentinho,
sosinho por hi além?—
—Vou buscar a minha mãe,
que foi por este caminho.—

Era além o cemiterio,
onde o coitadinho vae:
busca a mãe, não busca o pae,
que quem seja é um mysterio.

Chegado, a porta é fechada.
—Ó mãezinha onde é que está?—
Responde o coveiro:—Olá!
inda sua mãe 'stá deitada.—

Que faz aquelle menino
d'esse cemiterio ás portas,
de manhã té horas mortas,
sosinho, tão pequenino?
Perguntae-lh'o, elle dirá:
—Minha mãezinha ali 'stá!—

—Ó coveiro, dê-me pão,
que eu tenho muita fominha:
inda ali dorme a mãezinha,
e eu não tenho ninguem, não!—
—Ora tome lá papinha,

mas fuja, fuja, que é noite;
não ha cá onde se acoite,
póde comel-o o papão —

—

— D'onde vens, innocentinho,
a taes horas a fugir?
— Fui ver, se a mãe acordava
d'esse tão longo dormir. —

—

N'um alpendre em canto escuro
quem 'stá hi a ressonar?
O orfão do cemiterio:
deixae, deixae descançar.
Ao outro dia, sol nado,
eil-o em terra a caminhar.

— Onde vaes, innocentinho,
sosinho por hi além? —
— Vou buscar a minha mãe,
que foi por este caminho. —
Mas co'as perninhas já debeis
lhe custa seguir tambem.

Chegado, a porta é fechada;
o coveiro o vê de lá,
e diz: — Então já por cá?!
inda sua mãe 'stá deitada. —
— É porque esteve acordada,
quando eu dormia acolá!
hoje o papão não virá! —

—

— Ó coveiro, dê-me pão,
que eu tenho muita fominha. —

— Ora tome lá papinha,
mas fuja, fuja ao papão. —
— O papão não vem cá hoje,
durmo ali, não fujo, não. —

—

Á porta do cemiterio,
alta noute, alguem velou:
de certa voz o mysterio
mesmo o coveiro assustou:
outra se riu e cantou:
e de manhã o cadaver
d'um menino ali se achou.



MORTE EM VIDA

Senhor, Senhor, porque vim eu ao mundo?
Porque do nada me trouxeste á vida?

SOARES DE PASSOS

Já sceptico ás vezes, transido de magoas,
eu vou sobre as fragoas abysmos sondar;
ordénam-me os fados de arrôjo medil-os,
e quasi que a ouvil-os á borda vou dar.

Que negra existencia! que instantes penosos
em frente horrorosos me apontam os dias!
Qual ave medrosa nas nuvens perdida,
assim minha vida nas horas sombrias!

O pallido rosto magreza ostentando,
me diz «miserando! que penas as tuas!»
e os concavos olhos de pranto exhauridos
parecem fugidos das orbitas suas!

Meu Deus, que má sina! mas que altos mysterios
irão nos imperios do teu esplendor!
É tua esta affronta? são teus meus azares?
tão duros pezares?... Quem sabe, Senhor!..

E sceptico ás vezes, transido de magoas,
eu vou sobre as fragoas abysmos sondar:

ordenam-me os fados de arrôjo medil-os,
e quasi que a ouvil-os á borda vou dar.

Quem déra das campas ouvir os segredos,
do mundo os folguedos parados ali!
Quem viéra sem crime matar-me estas crenças,
as graves sentenças d'um Deus, que apprendi!

É torpe a blasphemia, mas é p'ra mim justa,
pois sei quanto custa continuo o soffrer!
Se eterna ventura nos paga o mal nosso,
Senhor, mais não posso! é bem ganha — morrer!..

E a vida inda a ter-me nas garras funestas!
Então que me prestas nas crenças, ó Deus?!
Ou queres demais para ver-te e gozar-te,
ou devo olvidar-te, mentindo os teus véus!

E sceptico ás vezes, transido de magoas,
eu vou sobre as fragoas abysmos sondar:
ordenam-me os fados de arrôjo medil-os,
e quasi que a ouvil-os á borda vou dar.

Mas ah! que me espantas! retira-te, inferno!
eu sei que és eterno, d'infindo pavor!
Ao monstro dos monstros, faminto a espreitar-me,
não hei de eu lançar-me nas fauces d'horror.

Detende-vos, anjos das trevas soturnas,
no fogo das furnas d'horrenda visão!
Já deixo o punhal, o veneno, os abysmos,
mortaes paroxismos vem breve... virão?...

Virão?... oh! que venham, que venham, Mãe sancta:
o corpo quebranta, mas fine-se já:
qual rosa aos vaivens da tormenta cahida,
assim minha vida, ó meu Deus, toma-a lá!

E em busca da morte, transido de magoas,
eu vou sobre as fragoas abysmos sondar:
impellem-me os fados, mas Deus antevendo,
assim vou vivendo co'a vida a matar!



SONETO

Por entre o assombro a vasta immensidade,
e sobre a immensidade o Deus immenso,
no grande excelso Deus poder intenso,
e junto a um tal poder a infinidade:

eis o terrivel ponto da verdade,
não occulto por veu mystico e denso,
pois a razão o lê no espaço extenso,
em si, no ceu, na terra, e na entidade.

Mas se no pó da campa vaporoso
tudo ali findará?... oh! grão Monarcha,
Jehová dos tempos, astro portentoso,

vasto cofre d'amor e sancta arca!
quem tal crê, ou persiste duvidoso,
não comprehende o valor, que em si abarca!



A DESHONRADA

Oh! n'insultez jamais une femme, qui tombe!
Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe!
VICTOR HUGO.

O sol mergulha: na amplidão dos mundos
vagam incertos nebulosos veus;
na terra gravam-se paineis jucundos
de amor, ventura, nos espaços seus.

De amor, ventura... e que belleza immensa
por toda a parte diffundir-se vem!
Aqui a sombra vaporosa, extensa;
celso horizonte aurifulgindo além!

Que enlevo sancto! Mas ao fim da selva
que triste quadro succedendo vae!
Sosinha posta na macia relva
formosa dama em desalento cahe.

Nas vestes negras, a que a face inclina
humidas perolas lhe vão tombar,
e ás vezes mesmo co'a madeixa fina
alimpa os olhos p'ra melhor chorar.

Silencio triste: e ai! que horrenda luta
dentro de si se passará talvez!

Na mente afflicta que cruel disputa
comsigo mesmo na fatal mudez!

As auras amam-lhe o pallor, que existe
na tez, que a magoa representa ali,
mas assemelha-se a um sudario triste,
que a morte pallida contém em si!

E ninguem fôra no semblante achar-lhe
a feia origem do mortal gemer,
se não viera uma agonia dar-lhe
aos frios labios este atroz dizer:

«Sou nobre filha da honradez paterna;
n'este retiro vergonhosa mãe,
escrava pobre de traição eterna;
e infanticida sel-o-hei tambem?!..»

Eis o abysmo de mentaes escolhos,
a cuja beira se pozera a sós:
morre-lhe o mundo c'os cerrados olhos,
abertos elles se envergonha após.

Que horrivel scena! que martyrio immenso!
Quem da coitada se não doe ahi?
Cravae-lhe o peito n'esse amor intenso,
dar-lhe-heis a esmola, que carece ali!

E aos sons bemditos das trindades sanctas
meia se eleva na oração tambem;
mas suas lagrimas tresdobram, tantas,
que nem no rosto se prefazem bem!

No entanto ao longe celestiaes neblinas
a pouco e pouco se condensam mais:
parece o luto, que em mortaes ondinas
lhe esconde a vida, originando-lhe ais!

E perto já no escurecer da matta
eis que d'um vulto se avisinha a mão:
vê-o a infeliz, a esmorecer desata,
e a morrer diz-lhe: — «Pobre pae, perdão!..»



BUSSACO

Oh! salvé irmão do Libano,
Que altivo ergues a fronte,
Monarcha d'estas serras,
Senhor da solidão!
Salvé gigante cúpula,
Que ostentas no horizonte
Erguida sobre as terras,
A cruz da redempção!

SOARES DE PASSOS

Já nas lyras mil vezes cantado
inda um brado, Bussaco, has de ter,
que ninguem tanta vez te sauda,
nem t'estuda tão perto a viver.

Alto monte, gigante colosso,
mal que posso teu cume alcançar,
não é isso que o estro me accende
mais o prende o teu nobre estanciar.

Quando o sol bruxuleia em teu viso,
eu deviso uma aureola em seu rei,
e de tarde a estender-lhe o regaço
d'outro espaço mais rico não sei.

Sei sómente, que ao longe irradia
a poesia em effluvios do ceu,

e que o peito segreda mil hymnos,
se divinos, se teus, não sei eu.

E que mais ao crepusculo ainda,
quando finda o fulgor dos seus raios,
essa sombra, em que vaes envolver-te;
a perder-te me deixa em desmaios.

Salvé throno dos bardos saudado,
decantado nas lyras reaes!
Se meus échos se ouvissem do peito,
por tal feito me erguêra entre taes.

Thesouro primo
das lusas terras,
que dentro encerras
riqueza e amor:
quanto é bello esse frescor
dos teus frigidos crystaes,
a suave sombra amena,
os perennaes
halitos puros,
a luz serena,
que se afrouxa n'esses duros
grossos troncos antiquados!
Oh! dá-me então
os sitios alcantilados,
d'onde ao mar vão
curiosas vistas
ver a areia, á onda as cristas!
Dá, dá-me esse panorama,
que nas tuas faldas prende
até mui longe chegar:

e no teu seio
a sempre querida flamma,
doce brilhar
da religião,
a que propende
meu ditoso coração!

—

Pousou-te branca névoa,
depoz-te a natureza
um manto: qual um principe
dotado da princeza
com dadiva riquissima,
eis-te excellente assim!
Emerge o astro fulgido,
e o alvo mantil roubando,
ver-te acordar parece-me
d'esse thalamo brando,
p'ra da manhã na purpura
te banhares emfim!

Volitam aves tímidas
nos amplos ambientes,
lá se repousam lépidas
nos albergues frondentes
d'essas vetustas arvores,
cuja abundancia tens;
mas se disputam rábidas
a preza em altos gritos,
pois que são torpes íncolas
de sitios tão bemditos,
expulsas por mão mystica
lá vejo os seus vaivens.

Á noite, erguida a lampada,
dos astros a rainha,
a bruxolear limpida
detrás de ti sosinha,
adoro a Deus no Empyreo,
incomparavel ser,
d'onde emana o bellissimo
d'este risonho espanto!
Desvaira a mente pávida
no possivel encanto.
Salvé recinto ethereo,
manancial de prazer!

SONETO

Sonhada, imaginada, como eu qu'ria,
era ella mais formosa, que a belleza,
e quando agora ha pouco na estreiteza
d'um abraço m'a punha a phantasia,

semilouco fiquei, gemi, senti-a
tão gravada no peito, aqui tão preza,
que, se a tel-a tivesse grã riqueza,
mui rico d'esta vez então seria!

Mas oh! fatal ideia! fatal sonho!
pois que d'este subindo tanto cáio,
quão d'aquella descendo vou tristonho!

E agora, que p'ra o mundo venho e sáio,
o real se me apresenta tão medonho,
quanto por a não ver em dôr descáio!



A TROVOADA

Que retumbar escuto! Senhor, que impulsões
eu cuido ver além! os rapidos clarões
me cegam! Deus! ó Deus, que tôrvo é este espaço!
o ar treme! treme tudo! E a chuva? que fracasso!
que diluvio me cerca! Deus, eu sinto horror!
se cahe tudo... eu tambem! Perdão, Senhor! Senhor!
Que fachos descem ígneos, bipartindo troncos,
desmoronando subito os fraguedos broncos!
Que batalhar aquelle! oh! que medonhas são
essas rivaes potentes! Na assolação
as céspides se arrancam! fogem nas enxurradas
as espigadas messes ha pouco semeadas!
O genio do exterminio as victimas conduz!
Meu Deus, meu Deus, piedade! que dôr s'introduz
nos peitos, fatigados de fugir á fome!
O lavrador em prantos, vês, que se consome
ao fugir-lhe a esperança? e os caros filhos seus
no regaço da mãe a soluçar? Oh ceus!
que coruscantes flechas! quem será partido,
da familia affastado, sem um beijo qu'rido?!..
Senhor, attende ás supplicas: mova-te a dôr,
se vingança não dás ao nosso pouco amor.

~~~
~~~

LENITIVO

Á EX.ma SR.a D. J. E. DE SEABRA CANCELLA

POR OCCASIÃO DA MORTE DE SEU BONDOSO FILHO

F. DE S. CANCELLA

> Quid est homo, quia magnificas eum?
> Aut quod apponis erga eum cor tuum?
> JOB. cap. VII, v. 17.

Foi a seiva do cedro enlanguecido
o tronco alimentando;
a copa murchecêra, intimo achaque
ia-o lento minando.

Nascêra mimoso, e hontem bello ainda
fragrancias a expellir
o vi; gostei, suas fibras incensadas
faziam attrahir.

Mas ai! que reverdeça, em vão se espera,
que seu fadario é triste!
Mais e mais definhar,
e morrer, é forçoso, é lei que impera;
e ha pouco inda vital ora consiste
em tronco resequido, que a expirar
escoou de seus poros todo o viço
pérolas a formar.

E as perolas que eram
no mundo e nos ceus?
Essencia bemdita
aos olhos de Deus.

—

Assim morreste tu, mimoso joven:
tambem comtigo á campa se baixaram
duas saudosas lagrimas. Pendentes
no derradeiro transito, ai! a quantos
queridos corações legadas foram!..

E no ceu duas estrellas
parece-me ver agora
de extranhado luzir: ora
quem duvida serem ellas?

A sorte invejemos-lhe,
ó mãe, que o pranteias:
nascido p'ra o mundo
não era, não creias:
se a terra tem joias
são joias mais feias.



O MASTIM

Lá vae além seguindo pela serra
o guarda do rebanho, o amigo, o cão.
Quem contempla o valor, que ali s'encerra,
e não lhe vota a lyra em saudação?

Á frente da phalange rei ditoso
usurpem-lhe o poder, vereis, que faz!
nas selvas, qual bandido corajoso,
defender ou morrer ali lhe apraz.

Se lambe carinhoso o pegureiro,
é que elle a vida traz ligada á sua:
de ha muito noite e dia companheiro,
offensa feita a um ao outro é crua.

P'ra o ovil se á noite vae entre as ovelhas,
é que quer demonstrar-lhe o seu amor;
cá fóra rei, lá entre amigas velhas
amigo será só, e não senhor.

Manhã rota, os latidos, que elle solta,
renovam seu commando ao seu chamar,
e logo dispertada a sua escolta
sahe fóra, e detrás d'elle vae pastar.

Noite alta, os mesmos sons, mesmos latidos,

ninguem ouse chegar á porta sua!
digam da serra os lobos foragidos
o seu rancor, se algum passou na rua!

E o preito, que ali vêdes, que elle abarca,
olhae, que um só momento não desvia;
a amizade de dia o quer monarcha,
á noite não consente jerarchia.

Sancto bem! sancto amor! sanctas venturas!
que em humanas familias nunca irão!
Quem assim ignorára as desventuras,
que cá no mundo culto as fraudes dão!..

AMOR

Amor é fogo que arde sem se ver:
É ferida, que doe, e não se sente:
É um contentamento descontente:
É dôr que desatina sem doer.

CAMÕES

Amor é f'rida no peito,
que fez agudo punhal,
amor é balsamo feito,
que cura a f'rida mortal:
é a taça da doçura,
é o calix da amargura:
é o bem e o mal tambem:
é vôo, e aza partida:
sol, e noite que intimída:
é flor, que aroma contém,
é a vespa lá mettida:
é rosa, e o espinho que tem.

Amor a vida enriquece,
amor a vida corroe:
como o tigre, se enraivece,
como a rôla, geme e doe.
Amor é lyra afinada,
é corda á lyra quebrada:
é um hymno, e lugubre ai.
Amor é laço ditoso,
é grilhão pesado e odioso:

luz, e fogo que não sahe:
faz motim, e dá repouso.
Amor é iman, que attrahe.

Amor é barco avançando,
amor é remo a quebrar:
é carga d'arma apontando,
alvo do tiro a estourar:
é repasto para a fome,
é veneno que se come:
para a sede é agua e fel:
Amor é fructo que encanta,
é esteril ardua planta:
é aceto, e doce mel.
Amor é vigia sancta,
amor é guarda infiel.

Amor é roda que gira,
amor é bola a correr:
vida que em premio se tira,
morte por sorte a caber:
tem a pujança do raio,
a frouxeza do desmaio;
é dôr e consolação:
é pomba, que a mão abranda,
serpe terrivel, que anda:
vence, e vence-o a corrupção.
Amor é rei, que commanda
no throno do coração.

DESEJOS MYSTICOS

Quizera ser da esphera voltejante
o eixo contraposto á luz do sol,
quizera: pois no mesmo e eterno giro
da igualdade movêra o grande rol.

Quizera ser o pomo, a quem adjuntas
ensombram verdes folhas no arduo estio,
quizera: pois louvára a ingenuidade,
té nos ceifar o tempo ou braço impío.

Quizera ser a bala repellida
tomando a meu arbitrio a direcção,
quizera: pois matára sem remorso
quem anda a torturar-me o coração.

Quizera (que ambição!) ser meiga rôla,
que goza c'o seu par doce alegria,
quizera: pois achára assiduo gozo,
bem, que a amizade e amor não me associa.

Quizera ser o verme, que ditoso
vive c'o semelhante, que o não trahe,
quizera: pois não vira nas lisonjas
o fel peccaminoso, que ali vae.

Quizera tambem ser d'alta cascata
a gôtta da corrente expulsa ao ar,

quizera: pois na quéda não sentíra
desfeitas as esp'ranças c'o pezar

Quizera mesmo ser a pedra rija,
que se parte ao martello arruinador,
quizera: que as pancadas retumbantes
não sentíra, como esta immensa dôr.

Quizera emfim ser nada, o fumo leve,
que as auras revolveram para além?
Quizera não ter vida: pois que vida
menos val, com tal sorte, sem um bem?



QUASI UM SUICIDA

«Vou perder-te! ai! é mui triste
perder tudo quanto existe
n'ess'alma pura e louçã!
é duro, mas peior tal sorte;
nem eu creio que tão forte
fosse meu peito ámanhã.

«Perder-te! oh Deus! que sentido!
perder, por ver-me perdido
n'este cahos de afflicções!
Quão melhor me fôra outr'ora,
antes de adorar-te agora,
succumbir ás tentações!..

«Ergueste-me sim do tumulo,
mas a dôr d'então no cumulo
d'outras mais agora vem!
E que fazer? ai! não digas!
rebaixar-te a amar-me instigas
o teu pêjo e o meu tambem!

«Que diria o mundo, quando
eu teus dotes requestando
vencesse á custa do amor?
que diria?!.. contemplemos
esses dictames blasphemos
contra ti, ó pobre flor!..

«Não mais, não mais, nivea pomba!
d'este enlace a fama zomba,
e eu sem ti viver não sei;
nem vejo, que todo o espaço
sem luz d'este amor é baço,
medonho o sitio, onde irei!

«Não te pese mais a ideia
d'esta amorosa cadeia,
que ás vezes lembras quebrar!
Nem quero, não quero ouvir-te,
nem na terra mais seguir-te:
vou morrer p'ra te salvar!»

Assim fallava o triste a sós buscando
o rigido punhal, que não achára
no sitio, em que o deixou.
— Que buscas, filho ingrato? — eis voz afflicta,
que clama — quem melhor te considera?
acaso eu mãe não sou?.. —

Descobre-se o infeliz, p'ra em solto pranto
se achar entre os abraços maternaes:
— Minha mãe! minha mãe!.. —
— Tua mãe! que mau filho és! e eu, desgraçada,
mirrada de fadigas! é bem paga
quem estes filhos tem!

— Mãe, soffro muito, muito! — E eu não soffro?! —
— Soffre por bem querer-me, e eu não mereço,
que não posso pagar! —
— E por isso um punhal matava duvidas,

tirando a vida d'um, que a tres pertence?
Quem ha de isto perdoar? —

— Duas almas, dous anjos, que eu não via
cego pela desgraça: ó mãe, perdoa-me? —
— Se perdoar Maria... —
— Mas como sabel-o eu? — Ella que chega,
avisada por mim: diz-lh'o, que eu fujo
maldizendo este dia.

—

«Porque não ousa o mancebo
agora o ferro cravar?
Com tantos males, desgostos,
vive alguem p'ra os arrostar?

Fallavam no silencio
lagrimas e pudor;
vozes d'elle acolheram-se
nos enleios d'amor.

«Vejo um rosto acobardado,
'storvo-lhe a audacia talvez?
ou o donzel quer primeiro
armar seu peito d'arnez?

Duplicavam-se as lagrimas
co'a doce zombaria,
em quanto n'alma tímida
a magoa respondia.

«Mais do que fraco, inda mudo!
como vencer tanto mal?!

Se o infeliz me concedesse
cravar eu mesmo o punhal...

—

Não cravou, mas c'um osculo
alma e vida ganhou!
E das nupcias no thalamo
do vencido zombou.

Á MORTE D'UMA AMANTE

Tudo é findo; debalde nas trevas
Busco ainda seu facho luzente,
Foi apenas um astro cadente,
Meteóro fugaz, que passou.

SOARES DE PASSOS

Não sei, se me voou... se m'a levaram...
Não saiba eu nunca minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

JOÃO DE DEUS

Morreu?.. Não: não morreu, que nunca morre
n'este meu extasiar a imagem d'ella!
Se morreu?.. Não morreu, qu'inda tão bella
me alumia a sua luz, luz que não corre!

Não morreu! que esta mente não m'engana!
não m'illude, não, que eu bem a vejo
acolá, onde brilha o meu desejo,
acolá, onde o mundo a não profana!

Por ella morri eu! por ti, ó linda,
a cuja doce voz cuido elevar-me,
e em cuja mão, que acena, indo a lançar-me,
da vida sei então, morrendo ainda!

Não morreu, que eu bem vejo, eu bem a encaro
gentil, como as estrellas, que a circumdam!

Vive lá: e esses gozos, que lh'abundam,
porque os guarda?.. fará inda reparo?..

Descrerá por ventura?.. Oh! não! lá sabe-se
o mais denso mysterio: ella bem sente
minha magoa d'amor: ella não mente
minha dôr n'este aperto!.. E n'isto cabe-se!..
....

—

Onde eu estava agora!
doida imaginação!
Ai! como se demora
assim o coração!

Sempre este scismar triste!
sempre esta ancia fatal!
a vida, que resiste,
sempre a arder n'este mal!..

Morreste, flor? Morreste!
que bem m'o diz além
essa nuvem celeste,
e a negra côr que tem!

Morreste, amor?.. Morreste!
que bem m'o diz aqui
o luto que me veste,
meu suspirar por ti.

—

E foste, como a luz do sol d'um dia!
e foste, como o pomo d'um só anno!
e foste, como a folha, que o cobria!
e foste, como a voz do desengano!

Fugiu-te o bello brilho, como á rosa!
fugiu-te, como á lua, a candidez!
fugiu-te, como foge á mariposa,
fugiu-te a linda côr da nobre tez!

Cahiste, como a flor, em desalento!
cahiste, como a onda, tão veloz!
cahiste, como a penna cahe sem vento!
cahiste, como a pomba ao tiro atroz.

E voaste, como vôa ao ceu o incenso!
e voaste, como a prece, a sancta nôa!
e voaste, como o archanjo a Deus propenso!
e voaste, que a innocencia tambem vôa!

Mas findou o estremecer da nossa vida!
mas findou o estreitar dos nossos laços!
mas findou o beijar d'insonte lida!
mas findou o prazer dos mil abraços!

—

E se eu olhasse p'ra os ceus
a fim de ali te encontrar,
procurando entre as estrellas
a mais linda a scintillar:
nenhum astro poderia
minhas penas adoçar.

E se eu olhasse p'r'as flores,
suppondo-te em companhia,
porque entre ellas a mais linda
comtigo se parecia;
das bellas flores nenhuma
consolar-me poderia.

E se eu olhasse p'ra os mares
inda em tua busca a seguir,
porque pérolas formosas
costuma o mar possuir:
os mares não poderiam
as minhas magoas lenir.

E se eu olhasse p'r'as aves,
a ver, se em bando ali vaes,
porque tão meiga, tão candida,
só a pomba o é, não mais:
as aves não poderiam
consolar meus tristes ais.

E se eu olhasse p'r'a campa,
sobre o cofre, que ella tem,
sobre o preço d'um thesouro,
que nunca teve ninguem:
a campa não poderia
mitigar-me a dôr tambem.

—

Só a saudade,
para soffrer!..
Só a vontade,
para gemer!..

Só a descrença,
para chorar!..
e a magoa intensa
p'ra soluçar!..

Só o delirio!..
só a paixão!..

só o martyrio
p'ra o coração!..

—

E depois pergunto á brisa,
cicia a brisa — morreu!..
— E foste tu que a levaste?
Diz outra voz — Não: fui eu!..

E depois pergunto aos montes,
e brada um écho — morreu!..
— E assim m'a levastes, barbaros?
Diz outra voz — Não: fui eu!..

E depois pergunto á onda,
susurra a onda — morreu!..
— E não és tu, que a levaste?
Diz outra voz — Não: fui eu!..

E depois pergunto ao rio,
murmura o rio — morreu!..
— És tu então, que a levaste?
Diz outra voz — Não: fui eu!..

E depois pergunto aos labios,
dizem-me os labios — morreu!..
— E quem a levou? seu anjo?
Diz a morte — Não: fui eu!..

—

A morte!.. E nunca mais, ó fera hedionda,
n'essas medonhas garras m'a trarás!..
Nunca mais achará onde se esconda
este triste viver, que a ausencia faz!..

E nunca, nunca mais meu ledo riso
lhe fará doce riso aos labios vir!..
E nunca, nunca mais um seu sorriso
fará minha alegria, e o meu sorrir!..

E nunca, nunca mais um meu suspiro
terá d'ella um suspiro a consolar!..
E nunca, nunca mais n'este retiro
seu pranto irá meu pranto originar!..

E nunca, nunca mais, a imagem sua
do meu eterno amor verá signaes!..
E nunca mais sua voz dirá — sou tua!
Ai!.. nunca!.. nunca mais!..

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

SEGUNDA PARTE

UM BEIJINHO NO PEITO

Já na cama deitadinho
'stava o maroto Cupido,
entre os lençoes envolvido,
aquentando o seu corpinho,
lá comsigo brincalhão
dando em si co'a linda mão,
já na cama deitadinho.

Só para assim conhecel-o,
eu entrei de vagarinho;
mas foi tão maganãozinho,
que sentindo alguem a vêl-o
pôz-se a sorrir e zombar.
Eu então deixei-me estar,
só para assim conhecel-o.

Por achar-me ali sosinho,
n'um olhar lendo-lhe o gosto,
vi pelos gestos do rosto,
que me qu'ria bem pertinho.
— Como resistir?! — disse eu:
e fui caminho do ceu,
por achar-me ali sosinho.

Ao chegar ao doce leito,
deita fóra o seu bracinho,
descoberto, redondinho,
pegar-lhe vou satisfeito:
mas eis que já me abrazei!
Ai Senhor! o que eu tentei,
ao chegar ao doce leito!

Qual no laço um passarinho,
sinto prender-me um encanto,
e o magano ri-se tanto,
que até se faz vermelhinho:
fugir não deixa! não vou!
Vejam isto! ora aqui 'stou,
qual no laço um passarinho!

Ai! que farás, meu travesso?
que farás tu, Cupidinho?..
E o seu alvo pescocinho
lá descobre! ai! que endoideço!
Que quer? que tem? que me faz?
Lindinho, o que quererás?
Ai! que farás, meu travesso?..

Vêl-o assim... que regalinho!
se na côr é neve pura!
Mas inda é pouca a ventura,
se descobrisse o peitinho...
Ora! não desejasse eu!
ancia minha, gosto seu!
Vêl-o assim... que regalinho!

Meio nu!.. ai! que beldade!

é gosto sobre gostinho!
Mas se fosse tão bomzinho,
que fizesse outra vontade...
Mais quizesse! E beijo o Amor
no peitinho d'alva côr,
meio nu! ai! que beldade!

Assim d'amor perdidinho
que ganhei eu? desgraçado!
todo de fogo abrazado
p'ra que lhe dei o beijinho?
P'ra que lh'o dei?! P'ra morrer!
Senão digam, se é viver
assim d'amor perdidinho!



NÃO FUJAS

Oh! não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja da tua formosura!
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.

CAMÕES, *Lus.*

Onde corres, corres, corres?
porque vaes tu a fugir?
Olha que canças e morres;
olha que podes cahir...

Vês?! cahiu-te o lindo chale!
Olha o chale, toma-o lá?!
não ha galgo, que te eguale!
anda cá, olha, vem cá!

Por um beijo! por tão pouco!
Forte ingrata! indigno sou?
Por um beijo! (forte louco!)
olha, olha, já não vou.

Vês?! despregou-se-te a renda
da branca anagoa a correr!
Olha a renda, rica prenda?!
olha que a podes romper!

Olha que canças e cahes!
ai Senhor; que fazes tu?!

nem respiras, nem dás ais!
tu suffocas-te! ai Jesu!

Vês?! lá cahiu o chapeu!
olha o chapeu, que eu te dei?!
Ai, não paras? pois nem eu:
qual vence, agora verei.

Esse espanto é mais que espanto,
tu queres-me desprezar;
pois um beijo por encanto
hei de ao menos desfructar.

Vês?! rasgou-se-te o vestido!
Olha o vestido a romper?!
Se eu no fim for repellido,
tambem já tens que fazer.

Porque assim me foges, foges?
que medo te ponho eu?
N'esse sitio não te arrojes,
olha que o prejuizo é teu...

Vês?! cahiste por desejo,
talvez ferida a ficar!
Pois em paga toma o beijo,
e mais estes p'ra sarar.



A UMA ARVELOA

Gentil avesinha,
alegre e festiva,
porque és tão esquiva
p'ra quem te quer bem?
Vem cá, coitadinha,
vem cá, não te agastes,
de mim não te affastes
voando p'ra além.

Eu quero-te muito:
se muito te sigo,
é que anda comigo
por ti sympathia:
amar-te é intuito,
que eu tenho e queria,
queria... queria...
vem cá... anda... vem...

Ingrata! maldita!
que a nada me attendes!
Porque te não rendes,
formosa exquisita?
Não tens coração?
ou não tens juizo,

que aceites com sizo
a minha intenção?...

—

Lá o conheças depois:
e inda assim perdoar-te sei,
por seguires o exemplo
d'essa bella, que eu amei.

AO CAHIR D'UMA FOLHA

— Tu cahes, pobre fôlha abandonada?
tu cahes, e porque? n'esse pendor
pela mãe, de que ficas separada,
o que sentes? saudade, esp'rança ou dôr?—

— Nem dôr, nem saudade,
nem leve soffrer,
nem suave esperança,
nem doce prazer.—

— Mas nas voltas, que dás, parece ainda
que mystica attracção sentindo vaes;
mesmo que dos maternos braços vinda
p'ra sempre custar deve: ou rindo cahes?—

— Nem rio, nem choro,
nem gemo tambem,
nem sinto attracções
p'ra os braços da mãe.—

Então que sentes tu, folha amarella?
Não tens pena da vida, que fruias,
do tempo, do verdor, que tinhas bella,
das aves, e das brisas que sentias?—

—Já disse: não sinto
nem penas, nem dôr.
A mãe de mil filhos
é mãe sem valor:
as aves, se amam,
a si tem amor:
e as brisas são frescas,
não sentem calor.—



A LUIZA DA FONTE

Á sombra suave d'uns cedros copados
havia uma fonte de puro crystal;
de si derivando mimosa corrente
os brancos seixinhos movia caudal.

Cintura apertada, pés nus e descalços,
e o solo pisando com lesto mover,
nas horas da sesta, de tarde, ao crepusculo,
as moças d'aldeia lá vinham encher.

D'entre ellas Luiza, de todas mais bella,
á fonte chegando se via sentar:
e os olhos fitando na pura corrente,
scismava... scismava... que triste scismar!

« Que sentes, Luiza? que muda tristeza
é essa, que pousas na agua a fugir?»
Se alguem, que seguia, d'est'arte fallava,
a moça em resposta dizia a sorrir:

« Eu pouso nas aguas as minhas tristezas,
e nunca se acabam tristezas em mim:
irmão bem parece este pingue nascente
do meu coração com taes magoas sem fim!»

E ás vezes a pobre sorrindo queixumes
no fim se não tinha sem pranto verter;

depois alimpando-se á ponta do lenço
lá se ia p'ra casa co'a bilha a escorrer!

«Porque é que Luiza, tão linda e tão boa,
da fonte vem sempre chorosa e mortal?»
Dissesseis ainda, seria a resposta:
«Ao mundo qu'importa saber o meu mal?»

Coitada da meiga formosa Luiza!
quão pallida e triste na rua ella vae!
A bilha vasia, que leva á cabeça
ás lentas passadas parece que cahe.

Á fonte chegando, sentar-se é forçoso:
e pois que lá chega sentada eil-a pois.
De si para si diz, a agua fitando:
«Não morres, nascente? nem mesmo te does?»

Queria a coitada, sabido o mysterio,
que a fonte seccasse, ou lhe désse prazer,
porque junto d'ella nasceram amores,
que devem com ella tambem só morrer.

E a agua nasceu, derivou, e as saudades
da pobre Luiza nasceram sem fim:
morrer, só morrêram as suas esp'ranças,
em quanto que a morte a minava, indo assim.

E emfim já do leito sahir não podendo,
e o termo sentindo, fulgiu-lhe uma ideia:
pediu, e por ser derradeiro pedido,
lhe deram um trago da fonte da aldeia.

AMOR E RECEIO

.... — Ai virtude,
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

GARRET, *D. Branca*.

De janellas abertas, só, no alto sobrado,
curvada a fronte linda sobre o seu bordado,
eu fui mui de mansinho achar a bella assim.
Quiz ver o labor seu, sem que me visse a mim,
o que ella faria mais, e escondi-me: da fresta,
jámais disséra ella, a ver-me alguem se apresta.

No entanto a brisa vem; se traz saudades mil,
não sei dizer; sei só, revendo-a tão gentil,
que os dedos nunca cessam, mas de quando em quando,
(oh! quem a comprehenderá!) baixo segredando,
aspira a brisa ao peito, e o peito julgo ouvir
batendo pressuroso. Ai Deus! que bom sentir!
que doçura trespassa, fere a minha mente!
dizendo só comigo — Fosse-lhe eu presente
na ideia agora, e o ceu, o mundo, eu vira ali!»
E a virgem fallar vae: ouvi-lhe a voz, ouvi:

«Triste vida! ai! é mui duro
o meu segredo d'amor:

amar, lendo no futuro
minha morte por tal dôr!
Mas minh'alma sê benigna,
que, na terra a ser indigna,
és no ceu esp'rada flor.

«Lá compensa-se a humildade,
que te faz cá desvaler:
corôa-se a sanctidade,
que aqui vão desconhecer!
Forte monstro o mundo! o mundo,
que mais parece iracundo
contra a virtude a jazer!

«Minha consciencia é bem nobre,
é bem nobre o meu sentir:
sou linda: mas que? sou pobre,
da pobreza é tudo a rir!
Soffre pois, ó peito amigo,
que só vencerás o p'rigo,
quando a morte te accudir!»

—

E a virgem suspirou; e lagrimas surgidas
começam a brilhar; e soltas, e cahidas,
o bordado lhe offuscam, molham. Qual pungir
direis tão doloroso, ó vós, que a vêdes ir?!

«Custa o segredo, virgem, mas não te pareça
seres a unica, não! Porém que o desconheça
ao menos quem adoras; d'esse teu soffrer
póde zombar o vil! sim, póde converter
essa paixão em crime! Depois... já perdida...
oh! não! não lh'o confesses, pomba, que na vida

mais fel lançar-te podem, que o martyrio teu!
Virtuosa soffre sim, que é p'r'a virtude o ceu.»

Fallei assim comigo, e fui-me embora,
sem a virgem me ver.
Agora veja o mundo entre as vaidades
a virtude a tremer!



SCENA AMOROSA

Oh! que famintos beijos na floresta!
CAMÕES, *Lus.*

Por entre as arvores d'um bosque denso
eu fui sosinho dispersar meus ais:
ais de ventura pelo amor gerados,
ais d'esperança aos de doçura iguaes.

De planta a planta revolvendo ideias,
fazia-as bellas a mudez gentil;
amena brisa, que nas franças dava,
juntava ao gozo mais encantos mil.

Doce mudez d'eremiterio!.. Longe
a minha aldeia estanciava além:
serena a tarde, e quasi o sol estava
o brilho esplendido a occultar tambem.

Musgoso assento, que a pousar convida,
eis que a gozal-o por em quanto vou;
e a doces haustos aspirando os zephiros
trilos das aves escutando estou.

Mas por acaso (oh! venturoso acaso!)
em tronco annoso reparando ali,
gravadas juntas n'uma casca lisa

eu vendo lettras... oh! meu Deus! que li!
....
....

Ai, minha amada, com que duro anceio
bella virias expressar-te assim!
Com que saudades compungindo-te a alma
isto... escrevêras a pensar em mim!

Isto dizendo,
seu nome beijo;
e mais desejo
d'isso nascendo,
beijo e rebeijo,
saciando o amor.
E em tal ardor,
e em taes delicias,
os braços lanço
do tronco á roda:
suppondo-a, canço
em dar blandicias,
sentindo-a toda
no peito meu.

N'isto extendendo
a vista ao lado,
vejo-a correndo,
rosto córado,
braços abertos:
e aos seus apertos,
e a um beijo seu,
cáio, subindo
do ceu p'ra o ceu!

SABER, QUERER, E PODER

Se eu soubera das artes a primeira,
e d'esta o mais perfeito artista fôra,
na lyra mais pomposa e feiticeira
cantára a tua face encantadora,
pondo no canto a graça verdadeira,
sentindo tudo, quanto eu sinto agora.
Os anjos, e as estrellas mais formosas
faria que ficassem invejosas.

Depois o teu retrato assim sabido
por toda a terra e ceu, em todo o espaço;
se a meu gosto o quizera conhecido,
o canto pondo escripto em peito d'aço
com lettras todas d'ouro o mais luzido
ao pé t'o fôra pôr, ou no regaço.
E, s'inda mais quizera, d'este geito
o peito te cobrira com tal peito.

Depois d'isto, podendo, (oh! cousa rara!)
teus olhos para baixo revolvêra,
e, contemplando tu a prenda cara,
c'o meu amor as lettras accendêra:
todo o aço c'o fogo dissipára:
e mais fogoso ainda derretêra
o gêlo, que lá dentro por mim sentes,
transformando-o d'amor em mil torrentes.

MAZURKA

Pela sala
pés roçando
vão passando...
Cada falla
mal se sente
e'o motim:
mansamente
brancas sedas,
nunca quêdas,
esvoaçam,
vento caçam,
doces gemem,
indo assim...
Nas madeixas
entrançadas
bafejadas
rosas tremem.
Cores vindas,
fogo tendo,
faces lindas
vão fazendo.
Vão batendo
pressurosos
peitos alvos,
ora salvos
pelo amor,
ora presos
com temor.
....
Oh que noite!
que harmonias!
que alegrias,
aqui vão!
que transportes!
que venturas!
que doçuras!
que paixão!..
Coração,
não te prendas,
deixa os folhos,
deixa as rendas
ir ligeiras
sem teu peso:
deixa os olhos,
deixa as faces,
deixa os collos
niveos, bellos,
os cabellos
já cahidos
ao desdem.
N'esses peitos
orgulhosos,
presumidos,
tão bem feitos,

dando n'outros,
coração,
não te fiques,
mortifiques
na attracção:
vê, conhece,
que, se pulsam,
por ti não:

não t'instigues,
afadigues
sem razão.
Nos embates
d'essas danças
porque canças?
porque bates,
coração?

Findou o baile, e a harmonia,
offegando os peitos 'stão.
Peitos cançados não amam;
foge, foge, coração!

A TECEDEIRA D'ALDEIA

Ao romper da madrugada
a tecedeira onde está?
Não pergunteis, somnolentos:
Im... tá clá tá clá tá clá.

São gemidos, e são brados,
que o meu teiar solta cá:
e vós inda na cama, ociosos!
Im... tá clá tá clá tá clá.

Quem não gosta d'estas vozes,
que o meu lindo teiar dá?
d'esta manobra, tudo isto?
Im... tá clá tá clá tá clá.

Se canto, dizem — Que alegre
tecedeira a tecer já! —
E eu de longe só respondo:
Im... tá clá tá clá tá clá.

Das tecedeiras d'aldeia
nenhuma me ganhará;
gema a peanha, o pente bata!
Im... tá clá tá clá tá clá.

Rapariga mais activa,
digam-me todos, não ha!
Ó canela, não te quebres!
Im... tá clá tá clá tá clá.

A trabalhar se namora,
Josézinho me ouve acolá:
aposto, que se está rindo?
Im... tá clá tá clá tá clá.

Que se ria, não m'importa:
gosto mesmo, se dirá,
que é isto para agradar-lhe.
Im... tá clá tá clá tá clá.

Ó minha cara mãezinha,
vá fiando a teia, vá,
p'ra camisa do noivado.
Im... tá clá tá clá tá clá.

Tecida por estes dedos,
ai, que boa ficará!
Josézinho preguiçoso!
Im... tá clá tá clá tá clá.

P'ra acabar esta primeiro,
quanto tempo levará?
Já doze canudos hoje!
Im... tá clá tá clá tá clá.

Estes poucos inda cheios
tambem vão p'r'a teia já;

depois enchel-os de novo...
Im... tá clá tá clá tá clá.

Em casando Josézinho
tambem ha de encher, olá!
Elle enchendo, e eu tecendo,
Ai Jesus!.. tá clá... tá clá...



O LAR D'ALDEIA

Retumba o trovão rouco, de saraiva
rumas se formam, 'strugem os telhados;
relampagos s'expandem, solta brados
infrene ventania em viva raiva.

Mas eu não m'importa:
aqui no meu lar
ha tanta doçura
no lume a aquentar!..

Quem virá, quem virá nest'hora feia
caminhos a transpôr na serra ou ermo,
sem abrigo sequer ao corpo enfermo,
lacerado de frio?!.. Senhor, que ideia!

Mas eu da fogueira
no cepo a bulir,
calor avivando,
que doce fruir!..

Meu Deus! Virgem sanctissima! se creio
lá fóra troncos d'arvores 'stalando!
as cheias as campinas devastando!
quem irá, quem irá, sem ter receio?!..

Mas eu assentado
das chammas ao pé
não temo, nem tremo,
Senhor, que bom é!..

Dão sibílos as frinchas: podem nuas
ramagens converter-se: podem raios
mil cousas bipartir, fazer desmaios,
sanhas d'homens fundir nas sanhas suas!

Sim podem, não nego:
mas nego eu morrer
com ira, pois amo
meu lar a aquecer...
....

Findou a procella, das nuvens o baque,
seu horrido trom,
mas eu inda fico no lar assentado.
Pois se elle é tão bom!...



ALBERTO E ERMELINDA

XÁCARA

Que contos poderemos ter melhores
P'ra passar o tempo, que d'amores?
CAMÕES, *Lus.*

I

A tia Benta, é sabido,
tinha muita devoção,
dia e noite não passava,
sem fazer muita oração.

Se tocava o sino, logo
ia ao pé do capellão,
toda a missa ouvia orando
com muito ardor e attenção.

Se era festa lá na aldeia,
ouvia todo o sermão,
da sancta da sua terra
vendo a nobre exaltação.

Se nascia alguem no povo,
livrava-o da perdição,
pelo innocente rezando
um hymno de salvação.

Se alguem morto se dizia,
ia benzer-lhe o caixão,
dando ao démo um exconjuro
com agua benta na mão.

E toda a gente gabava
a tia Benta, mais não;
dizendo até, que de sancta
tambem tinha o seu quinhão.

Esmolas eram á farta,
que as mandava a compaixão;
n'aquella bôcca sagrada
nunca se ouvia um perdão.

No dispendio da sua casa,
se inda assim crescia pão,
aos visinhos precisados
mandava á noite a ração.

E tinha a boa da Benta
para o bem tal propensão,
que as messes eram já feitas
a contar co'a precisão.

E á sancta da sua terra
tambem fazia uma acção:
enchendo d'azeite a lampada
sem conta nem proporção.

Elogios a ella feitos
nenhum lh'ia ao coração:

dizia só — não mereço,
deixae-vos de mangação. —

Toda a familia, que tinha,
lá da sua geração,
era uma filha, e mais nada,
de mui rara criação.

Quando em Deus não tinha os olhos,
punha-os n'ella, e com razão,
que dizia toda a gente,
que mais linda a não ha, não.

Tinha a boa da menina
já da mãe a inclinação;
a idade regularia
pelos doze annos então.

Mesmo em tudo revelava
a sua boa intenção,
pois d'aquillo, que era d'ella,
dava ao pobre, ao gato, e ao cão.

Meninas iam com ella
doutrinar-se em multidão,
e a mestra pagava em cima
com milho, broa, e feijão.

Todo o pranto se enxugava
sem exigir galardão.
Era o ceu n'aquella casa
de amor e d'educação.

II

Uma tarde está findando,
mesmo linda d'encantar,
sem ser calmosa nem fria,
bella tarde p'ra caçar.

Á roda do povoado
muita caça havia andar,
que os tiros foram sem conta,
muitos os cães a ladrar.

Caçadores eram elles
mui galantes de pasmar:
diziam trabalhadores,
que andavam lá a roçar.

Espingardas eram novas,
os cintos cousa sem par,
as redes de malha fina,
e o resto lindo a acabar.

Grande e nobre hierarchia,
disse alguem, ali andar,
mas de tão longe oriunda,
que ninguem póde affirmar.

«Por detrás d'aquella serra
'stá o sol a mergulhar,
(disse um) é pois necessario
ir gasalhado alcançar.»

Á uma todos quizeram
esta proposta approvar;
e p'ra o povoado proximo
eil-os já a caminhar.

Entraram; foi tudo unanime
a tia Benta a inculcar,
por pessoa mais distincta,
e a mais rica do logar.

Lá ouviram mil desculpas
de só ter pobreza a dar:
teve em resposta — só casa!
comida ha cá p'ra fartar!

E das lebres refogadas
foi tudo a saborear;
não se póde a tia Benta,
nem sua filha, escusar.

O nome da donzellinha
lhes aprouve perguntar:
tudo se sorriu, gostando
de — Ermelinda — se chamar.

— Linda Ermelinda, tão linda,
ha de agora confessar,
qual de nós acha mais lindo,
para um beijinho lhe dar. —

— O senhor! — Era esse mesmo,
que assim lhe estava a fallar:

mas, ao dizel-o, fugiu-lhe,
por beijos não saber dar.

Este rasgo d'innocencia
foram todos a louvar,
té a tia Benta riu,
'stando já a desgostar.

Tres horas assim passadas,
acabou-se de ceiar;
nas camas viram esmero,
que, na aldeia, os fez pasmar.

O mancebo de vinte annos,
que Ermelinda quiz lograr,
levou p'ra o leito o desgosto
de tal beijo não gozar.

Meia noite. Por tal hora
está tudo a ressonar;
só a matilha lá fóra
quebra o silencio a rosnar.

III

Quem negará, que o seu premio
sempre a virtude ha de ter?
Negue-o a bôcca muito embora,
a consciencia ha-de-o dizer.

E cá no mundo vá indo
já uma prova, a saber:

o moço—Alberto—chamado
teve um sonho de prazer.

Viu a formosa Ermelinda
o seu collo a pretender,
e em seguida lá sentada
dar-lhe um beijo sem temer.

E da sua parte a donzella
sonhou cousas mais p'ra ver:
viu-se dama d'um palacio
com proprio pasmo de o ser.

Viu criados respeitosos,
as aias a obedecer,
muitos coches, muitos fastos,
sem saber isto entender.

Lindos sonhos! Manhã rota,
começou-se tudo a erguer.
—Se passaram bem a noite?—
—Mui bem—foi o responder.

E o tão bello gasalhado
no fim de se agradecer,
disse Alberto:—E o seu beijo?—
já despedida a fazer.

—O meu beijo? Aqui vae elle!—
Deu-lh'o a linda sem tremer;
e elle em recompensa ou troca
deu-lhe um livro para ler.

Feito ao largo, alguem ouviu
estas palavras dizer:
« Amigos, levo saudades »
e deu um ai sem querer.

E desde então Ermelinda
não sabia comprehender
a alegria do seu peito,
que bem dava a conhecer.

Foi á mãe, e disse instante:
« Quero um mestre já já ter,
sei mui pouco de leitura,
quero-a mais desenvolver. »

Ao outro dia, bem cedo,
'stava-lhe um mestre a dizer,
que pouco mais é preciso,
p'ra só comsigo aprender.

E o lindo livro offertado
pouco e pouco indo a entender,
disse ao mestre, que esse livro
era a sua joia e prazer.

Passou-se um anno; mais mestre
é desnecessario haver;
entende o livro, decóra-o,
não quér já que a ouçam ler.

A mãe abraça-a, e lhe estranha
do coração o bater,

e diz, a ver... «o teu livro
está nas brazas a arder!»

Correu, e sobre a fogueira
foi o seu pranto correr;
viu carvões, e disse «matem-me!
já não quero mais viver!»

Após pungente agonia
é duplo o gozo a appar'cer;
deu-lh'o a mãe c'o livro, entanto
o mysterio a resolver.

IV

E Alberto? quem viu Alberto
por esse mundo a seguir?
Viram-no as damas nas salas
sem uma vez se sorrir.

Qual é de Alberto a tristeza?
Ninguem ousa deduzir:
saudades — elle o confessa;
mas que saudades sentir?!

É isso um outro mysterio,
que não sabem descobrir:
seu porte, sua bondade,
não dá mal p'ra s'induzir.

Falla em caçadas mil vezes,
nenhum amigo quer ir,

d'outro modo em suas penas
o tractam de distrahir.

Gázeas roupagens, adornos,
não lhe vão nada luzir:
bellezas, vivos olhares,
não n'o sabem attrahir.

Orchestras, sons melodiosos,
vozes a sobresahir,
não tem d'um beijo a poesia,
nem da innocencia o sorrir.

Ha no seu ceu uma estrella
de mago extranho fulgir,
consultada, diz — virtude —
e mais não sabe exprimir.

E virtude ha no seu peito
para a virtude seguir;
mais além d'este horizonte
antolha o bem a illudir.

E se lhe foge entretanto
a mente para o porvir,
no presente sente um vacuo,
mui custoso de sentir.

Teve um beijo, e um beijo escalda-o,
indo amor a produzir:
soube um nome, outro mais bello
não podem bardos ouvir.

Tem poesia aquella rosa,
qu'inda mal começa a abrir,
a engenhosa subtileza,
o sonhado presentir.

E eil-o á caça! Mais não póde
co'as saudades investir;
amigos já não molesta
c'o seu usado pedir.

Por cêrros, montes, e valles,
é cousa muito p'ra rir,
que lebres passem defronte
sem um leve perseguir.

Caminhou, caminhou muito,
e inda a aldeia sem surgir;
em tantas, que são passadas,
não ha casas p'ra dormir.

Mas já o sol p'ra o poente
acaba de descahir,
e fome não tem á caça
quem deixa a caça fugir.

Um sino tange trindades.
« Lá vem caçador a vir! »
Gente, que andava, disse isto,
fio á prece a destruir.

Quasi noite: á porta batem,
vem a tia Benta abrir:

Ermelinda olha, e desmaia,
Alberto é lindo a sorrir.

V

Bemdita noite a passada,
toda de dita, e d'amor,
de suaves juramentos
de sanctidade e primor!

Protestaram-se um ao outro,
pois o queria o Senhor,
revelado desde a ausencia
do mancebo caçador.

Já treze annos fez completos
Ermelinda, a linda flor;
té mais dous vae ser noviça,
p'ra mais idade é melhor.

E lá vae o moço Alberto
p'r'a sua terra viajor,
pulsativo leva o peito
sem um transe d'amargor.

—

Ermelinda em seu mosteiro
entra alegre e sem temor,
só á mãe uma saudade
deixa, e outra ao moço auctor.

E a tia Benta vae dando
nas esmolas mais valor,

pois da filha agora ausente
pretende a falta repôr.

—

E Alberto? quem viu Alberto
n'esse mundo corruptor?
Viram-n'o as damas nas salas
já sem tristeza e sem dôr!

Novos olhares vieram
de penetrante fulgor,
mil sorrisos deslisaram,
sentiram peitos amor;

e nem olhos, nem sorrisos,
nem peitos dizendo amor,
revelaram a — virtude —
da noviça do Senhor.

A melodia das salas
a Deus não dava o louvor,
que leva o orgão do côro,
e da campana o fragor.

Redopios, polkas, árias,
de raros dotes penhor,
inda assim não eram tanto
como um hymno ao Creador.

—

E assim vão dias passando
por esse mundo illusor;
Alberto sente saudades,
e eil-o feito caçador.

Junto aos muros do convento
caça muito de redor;
ha acenos contractados,
no fim um beijo d'amor.

—

Dous annos! Eis os dous annos,
que a fortuna quiz transpôr!
Alberto espósa Ermelinda,
—a virtude o seu valor.—

Depois entregue á ventura
não quer mais ser caçador;
ama a consorte, e com ella
caridoso afrouxa a dôr.

E a tia Benta, inda a mesma,
p'ra mais bondade pospôr,
fez um jantar nunca visto
para os pobres do arredor.

E a sancta da sua terra
festejou com tal 'stridor,
que só ficou com a pena
de não lh'ir atrás do andor.

A MENINA DOENTE

Eis a candida pombinha,
tenra vergontea a murchar,
vacillante, como a pérola
por entre as aguas do mar:
botão de branca rosinha
a não saber, se do mundo
fuja risonho e jucundo,
ou se fique pudibundo,
p'ra depois se desfolhar.

A lenta febre a devora,
mas não córa a baça tez:
é candura bafejada
da Mãe celeste talvez:
serenos labios agora
talvez sentirão chegados
aos da mesma ali pousados
invisiveis beijos dados
em sancta e doce mudez.

Semiabertos seus olhinhos
que maga vista que dão!
ai! quem sabe, quanto brilho
ás estrellas dando estão!
quem sabe, quantos anjinhos

estarão a namoral-os,
pouco e pouco a concertal-os,
para depois ir cerral-os
ao morrer do coração?..

Estremece, pomba linda!
oh! não nos queiras deixar:
o ceu é vasto em adornos,
póde bem sem ti passar:
é cedo, mui cedo ainda....
Acorda, acorda, innocente!
não succumbas lentamente,
vem adejar novamente,
de collo em collo pousar!

Eis seus labios a sorrirem
ao nosso mando d'amor!
É nossa! é nossa! o Supremo
quero botão ver em flor!!
Ledos prantos a cahirem
festejem sua chegada!
seja por todos saudada
esta joia outra vez dada
pelas mãos do Creador!

Á MORTE D'UM MENINO (1)

.... Qu'importa
da vida o breve termo?
A vida é cousa morta,
só viva para a dôr!

O AUCTOR.

Vinha a expressar-se a innocencia
linda e pura,
como a pomba de candura,
que sorri,
vem dos ceus uns labios sanctos,
cantam junto á sepultura,
e a innocencia, a pomba, tudo,
que vae ver estes encantos,
em extasi suspirando,
mundanos laços quebrando,
fica ali!..

—

Mas, ingrato, que é da auréola
d'essa fronte linda e candida,
que te eu via?
Que é dos folguedos insontes,
que no collo exercitavas
cada dia?

(1) Para ser offerecida a sua mãe.

Que é da côr mimosa e bella
d'esse rosto recamado
de setim?
Que é do viço dos teus annos
tao poucos, tão innocentes,
cherubim?

Que é dos halitos suaves,
insufflados nos teus labios
pueris?
Que é dos olhos, esses olhos
tão buliçosos, travessos,
e gentis?

Que é dos beijinhos sonoros,
n'essas faces imprimidos
com amor?
Que é das risonhas meiguices,
que te geravam sorrisos,
linda flor?

—

Ai! quem vae áquella cova
buscar um thesouro lindo,
para dar áquella mãe,
que vertendo pranto infindo
esmorece ali além?
Ai! pobre d'ella, coitada!
quem a consola? Ninguem!

E que fazes, liriosinho,
debaixo de tanta leiva?
Terás ahi melhor seiva,
que um maternal coração?

Florirás ainda um dia
em cima da terra fria
c'o brilho d'outrora? Oh! não!

Não, porque as mãos invejosas:
(tambem Deus inveja assim)
que lá te tem, são pod'rosas!
furtam, matam, e por fim
deixam penas por amores!
Mas, anjo, d'esses favores
reparte comnosco, sim?..

OS CANTOS D'UMA MENINA

Quando minha mãe me chama
para o seu collo tão doce,
quem não gosta, quem não ama
tão linda, tão sancta posse?
'star no collo d'uma mãe
quem não deseja tambem?

Como ella é boa amiguinha!
minha tão doce ventura!
aperta a sua filhinha,
aperta-a bem com ternura;
e eu aperto-a vezes cem:
ai, minha mãe, minha mãe!..

Desde manhã até noite
sentindo-lhe os seus bafejos,
quem ha, quem ha, que se affoite
a impedir tão doces beijos?
quem ha, quem ha, minha mãe,
que me furte tanto bem?

Chama-me ella o seu encanto,
e eu meu encanto lhe chamo;
se ella me quer tanto, tanto,
tanto a encanto quanto a amo.

Digam lá, se havido tem
melhor filha p'ra tal mãe?

Quando o bordado m'ensina,
aos seus mandos obedeço,
que este amor, que me domina,
na subjeição ganha preço;
quem tal não faria á mãe,
cujo amor não mede alguem?

Quando o ceu c'os olhos sigo,
diz-me, que Deus m'está vendo:
«Senhor, Senhor (então digo)
dá luz ao que eu não entendo»
e depois oro, e ninguem
sabe tal, só minha mãe.

Nos dias sanctificados
sentada no seu regaço
me liberta de cuidados,
e eu compenso-a c'um abraço;
e ao sorrir da minha mãe
muitos saltos dou tambem.

Quando ella vae para a missa,
leva-me comsigo ao lado
c'o cabello, que enfeitiça,
por suas mãos penteado:
ai! que aromas que contém!
e que lustro, minha mãe!

Eu não invejo riquezas,
nem belleza, nem ventura,

d'esta vida as gentilezas
dão-me tudo com fartura:
do seio da minha mãe
quanto eu desejo me vem.

Não tenho prendas formosas,
porque não posso inda tel-as;
não tenho graças pomposas,
nem possuo joias bellas:
mas tenho o cofre, que as tem:
tenho amor a minha mãe.



O SEU CÃOSINHO

'Stando ella c'o seu cãosinho
no doce collo pousado,
invejei tanto carinho
ao seu tó-tó offertado:
invejei, que tão feliz
me não lembra de ter sido,
quando aos seus olhos rendído
lh'os encaro tão gentís.

« Ora tu, meu cão ditoso,
porque não trocas comigo
esses momentos de gozo:
eu, que sou tão teu amigo ?»
Pensei isto: e a tal pensar,
mordeu-lhe a mão alvadia:
cousa, que eu nunca faria,
se estivesse em seu logar.

Quantas venturas imperam,
por este modo alcançadas,
as quaes, se n'outras mãos deram,
foram bem mais estimadas!..
Morder-lhe!.. que ingratidão!
quando em vez de dente irado
eu pozera um beijo amado
n'aquella formosa mão!..

A ACTRIZ

Eu sou aquella coitada,
que em busca de nomeada
subi do palco os degraus;
subi, porque não sabia,
que a nobreza, que eu trazia
no coração concentrada,
poderiam peitos maus,
e outros muitos com justiça,
de mil maneiras crueis
abafar minha cubiça
no meio dos ouropeis.

—Ali impera a vaidade—
dizeis vós a um sorrir meu,
que vos leva com bondade
o coração, que se ergueu.
—Não impera, não, senhores:
meus sorrisos são amores,
e a pobre amante sou eu—.

—Tambem ha crassa ignorancia—
vem uma voz, de distancia
meu peito ás vezes ferir,
como flecha venenosa.
—Haverá; mas mais penosa
é essa flecha a pungir.—

Quem me dá por caridade
uma gloria, um só triumpho,
por que eu morra com saudade
dos passados tempos meus?
Quem me faz descer dos ceus
esse magnete attrahente,
que me case sanctamente
c'o nobre amor dos tropheus?..

—

Quão arriscada senda foi a minha,
que aqui me conduziu incauta e cega!
quão incerta é a chamma que se pega
ao pobre coração, que ardor não tinha!

Quão risonha é a luz da juventude,
aonde em cada ideia nasce um gozo!
quão affoito é o peito esperançoso,
que julga toda a gente com virtude!

E eu lá vim pelas glorias attrahida,
encostada ao intento das fadigas,
suppondo-as proveitosas inimigas
ao lado da razão desconhecida.

E eu la vim sem escudo, e sem cautela,
entregar-me aos baldões da sorte avara,
fugindo sem pezar da vida ignara
para outra mais brilhante e bem mais bella.

Mas ai de mim, coitada! e ai de muitas,
que infelizes proseguem n'esta senda,
sem ter a caridade, que as defenda
das faltas costumadas ou fortuitas!..

Illustremo-nos, senhores! dae á pobre
benevola intenção! oh! não queiraes,
que trema, como em frente de punhaes,
que se apontam, quando ella se descobre!

—

Julietas, Ristoris, Neves,
são raras, nos tempos breves
raros genios breves são;
mas cada artista, que estuda,
a pouco e pouco lá muda
uma ou outra condição.

Quem não sabe, que a experiencia
grandes passos na sciencia
cada dia dado tem?
E quem não vê, que um queixume
ás vezes crasso negrume
n'outro peito põe tambem?

E eu sou a pobre coitada,
que da ventura affastada
só sei crenças respirar:
e sendo assim, qual motivo
tereis vós tão duro e esquivo,
p'ra minha sorte aggravar?

Perdoae: perdoou Deus
aos perversos phariseus,
que o mataram sem razão:
perdoae: não cuspaes settas,
cujas pungentes lancetas
venham dar-me ao coração.

Pobre actriz! ai! pobre d'ella,
que seu norte e sua estrella
muito custa a descobrir!
Em quanto joven, caminha;
mas se a luz morre e definha,
sem sua victoria attingir?..

Á pobre pois dae clemencia,
que a sancta benevolencia
é meia gloria da actriz;
peito bemquisto, que arde,
sempre mais cedo, ou mais tarde,
mostra seus rasgos gentís.

Motejar é cousa feia;
e o desprezo, que se ateia
contra alguem, duro se crê.
Oh! piedade pois! piedade!
pague a estima a caridade,
que este *beijo* vosso é.

~~~~~~~~
~~~~~~~~

NO ALBUM D'UMA ROSA

Quero cantar, mas não posso:
já o poetico alvoroço
não sinto no peito meu;
nem as estrellas do ceu,
nem já da terra os encantos,
fazem surgir esses cantos,
que outrora a lyra me deu.

As harmonias, os gozos,
os trabalhos virtuosos,
qualquer doce sensação
nascida no coração,
nada d'isso já m'inspira,
já me não responde a lyra
aos impulsos da razão.

Mas que?! se da minha vida
passou a quadra florida
do mais risonho ideal!
esse porvir celestial,
que eu na mente descrevia,
era o germen da poesia,
das trovas o manancial.

Agora o peito, se sente,

é sentir bem differente
d'esse, que outrora foi já;
as pulsações, que hoje dá,
só são por dores movidas;
e os cauterios das feridas
quem erguer-m'os poderá?

Triste sina a do poeta
amar, amar, sem ter meta,
e sem ver o abysmo ahi!
Depois canta, mas assi
n'esses accentos e coros,
tão sentidos e sonoros,
faz epitaphios a si!

E o mundo encara-lhe os cantos,
bebe nas lettras seus prantos,
e logo em paga sorri!
Eis a sorte, em que eu cahi!
Amei chorando e cantando
hoje só choro, e chorando
de mim dóe-se alguem ahi?

Não dóe! se dó me confessam,
são lisonjas, que arremessam,
como flechas a pungir!
Soffrer, chorar, e seguir;
eis o meu triste fadario,
o respiro funerario,
por onde posso existir.

Não se peçam pois mais versos
a quem queixumes diversos

só tem tempo de gemer;
depois do sol se esconder,
em noite caliginosa
não mandem labios de Rosa,
que eu não posso obedecer.



HONTEM

Hontem sentado a teu lado,
mirando o ceu estrellado
com elevada attenção,
lembrou-me, entre meus braços
estreitar-te em mil abraços,
e dizer: para estes laços
manda, meu Deus, compaixão.

Mas entre nós interposto
estava escondido um rosto
a rir medonho e fatal;
batêra peito com peito,
amor com amor perfeito,
mas ao despota o respeito
mostrava abysmo infernal.

E eu tive medo (se tive!)
que o tyranno perto vive
com preparada traição;
é repasto p'ra o faminto
dos nossos peitos o absyntho,
que entre inquietações resinto
quasi a chamar-lhe a explosão.

Mas tu, pombinha guardada,
que fôra de ti, coitada,

n'esses impulsos d'amor?!
Ai! talvez, pobre innocente,
alvo de plumbea torrente,
que te pozesse pendente
nos braços do causador!..

E foi então, minha rosa,
que nossa vida amorosa
eu vi, e quiz respeitar;
brilharam muito as estrellas,
quem sabe, se foram ellas
a aclarar-nos as cautelas,
que o amor não sabia achar?

Fugi; fujâmos: qu'importa,
que hoje se nos feche a porta
d'um ceu tão lindo e feliz?
Alimente-nos a esp'rança,
que em virtuosa balança
sempre Deus mais tarde lança
o premio, que hontem não quiz.



AMOR EM SEGREDO

Com doce voz está subindo ao ceu...
CAMÕES, *Lus.*

Ao 'splendido luar d'um mez d'Agosto
eu ia pensativo, e lá além
co'as endechas nocturnas enlevado,
porque ella as soltava magamente,
mandei-lhe n'um favonio redolente
tres beijos em segredo, recostado
por baixo das janellas, que ella tem.

Loucura! pois qu'importam os desejos
do tímido amador d'alguma bella,
que se entretem sosinho a mandar beijos,
porque cantos não sabe erguer por ella?..

E eu era assim: todo preso nos requebros
d'aquella voz tão cheia d'harmonia
calava-me co'a lyra, que em tal extasis
do silencio tirar-me não podia.

Ouvi... ouvi... Que amor! e quanto pasmo
no peito me cahiu,
quando das melodias no marasmo
tal canto proferiu:

«Minha voz chama por elle,
e o silencio não m'o traz:
mando-lhe beijos nas auras,
e nenhum beijo é capaz
de o despertar do lethargo!
Dormir!.. não soffrer amargo
da saudade o negro fel!
Oh! que ventura tão grande!
mas que desprezo cruel!

«Seus passos quando aqui vinham
parar com leve rumor,
saudava-lhe as boas noites
com mil promessas d'amor;
agora, se acorda, foge
p'ra outras, que adora hoje,
sem de mim sequer ter dó!
Ah! que se outro aqui viera,
por vingar-me o que eu fizera!
quanto amor lhe déra só!»

Tiniu-me o coração ao som divino
da derradeira estrophe. Põe-se a lua,
rumoreja a vidraça, desce, estala,
e fica-me no peito a imagem sua.



A FADA DA SERRA

(A sonhar)

Rompem-se as trevas, que vejo?!
Branca roupagem luzir;
da lua, que nasce, um lampejo
mostra-me um vulto a seguir!
Virgem sosinha, contente,
ao penhasco erguido em frente
conduz-se em paz e lentor:
nos ceus os olhos fixados,
docemente retardados...
que fada! que anjo! que amor!..

Co'a fragoa alpestre se cinge;
e, sentada airosa ao fim,
as fôfas vestes attinge,
as conchega, abranda. Assim
na longa serra eil-a posta.
Repousa inerte, e se encosta
á mão linda; e após d'ali
em roda a vista lançando,
vê-me, e, tímida encarando,
córa de pêjo, e sorri.

Ai! é tão bella! no peito
já me encalma o ardor que tem:
vi-a d'amor contrafeito,

por córar, córo eu tambem:
risonha os olhos m'esconde,
debruçando o rosto aonde
lhe bate o seio: nas mãos
trocam-se os dedos brincando,
vivo enleio disfarçando:
meros disfarces, tão vãos!..

Eu era amado: dizia-o
o embaraço, em que a senti;
qu'ria-me ao pé, conhecia-o
pelo desleixo, em que a vi.
Fui chegando-me, exultava,
muda sempre; e eu pasmava,
que á distancia, que transpuz,
maior belleza me espanta!
Eis toda a fronte levanta,
vejo-a de perto... Jesus!

Tinha dos olhos tão vivos
tal magia o refulgir!
dos rubros labios captivos
taes feitiços o sorrir!
Nas comas tanta lisura!
na fronte tanta candura!
e nas faces tal rubor!
no collo tanta excellencia!
e dos seios a apparencia
tal perfeição e primor!..

Nos braços nus tal belleza!
nos dedos tantos rubís!
e das roupas a riqueza

tal esplendor e matiz!
Na semi-perna mimosa,
bem formada, branca, airosa,
que incauta deixa appar'cer
entre celeste fragrancia,
tal primor! tanta elegancia!
que ouso de pasmo descrer!.

Vê-me enleiado, e se atreve
co'a linda dextra acenar:
os dentes de pura neve
vi-lhe, e ouvi-lhe a voz entoar,
meiga, trémula e tão doce.
Disse risonha —que fosse—
e ao lado a rocha apontou.
Todo o corpo sinto imbelle,
mas força occulta m'impelle,
e c'o peito a arfar lá vou.

'Stando em silencio a aguardar-me,
a mão me offerta a subir;
subo; ao lado quer sentar-me,
prestes me sinto attrahir;
espreita, ninguem vigia;
a dextra ao collo m'envia,
e suspira: ai! suspirei!
Une-me o peito arquejante
ao seu d'amor offegante,
vou a beijal-a, acordei!..

UM AMOR-PERFEITO

Tu amavas a florinha,
que floria n'esse vaso;
e eu, chegando por acaso,
a dar-lhe affagos te vi,
e subiu-me a côr ao rosto,
que á flor, de que tanto gosto,
outro amor lhe descobri.

E tu da linda suppunhas
o que em principio eu julgava,
mas o amor, que lhe eu mostrava
mesmo ali, te entristeceu.
Infeliz amor-perfeito!
por estimado subjeito
a deixal-o tu, mais eu!

E assim com risco o tractâmos;
mas ai! a pobre florinha,
se a deixâmos, coitadinha,
morrerá de dôr talvez!
E demais: que culpa é essa,
p'ra que nosso zelo a esqueça
em turnos de malvadez?..

E n'este presentimento
já eu julgo, que a coitada,
dos nossos ais desconfiada,
vae perdendo a linda côr!..
Sabes tu, que era lindissimo?!
Amarmo-nos nós muitissimo,
p'ra lhe dar um só amor!



PHANTASIA

Sentia-me arrebar-se-me a existencia,
E o coração voar-me, como os anjos
Para a celeste virgem..............

GARRET, *D. Branca.*

Nas vistas risonhas de alegre ventura,
que n'ella fulgura, e que ás vezes não tem,
não sei, que fragrancia vem d'ella effundir-se,
que a pétala a abrir-se mais grata não vem.

Ó vistas risonhas,
tivera-vos eu!
fugindo, qual foge
seu peito do meu.

Se o rosto envolvido na pallida alvura
scismando procura sarar o que dóe,
direis a pombinha, que boia nos mares,
fugida aos desares, mais linda, que foi.

Ó pallidas faces,
tivera-vos eu!
brilhando c'o brilho,
que a lua vos deu!

Quando humidas pér'las dos olhos lhe descem,
parece, que crescem riquezas em si;

se quer esgotal-as, maiores lhe ficam,
os males lh'indicam o bem que sorri.

Ó lagrimas puras,
tivera-vos eu!..
fulgindo, qual fulge
o sol, que nasceu!

No eburneo teclado seus dedos passando,
mil notas soltando de doce magia,
é lindo encaral-a, seguir-lhe os relances,
que vão aos alcances da bella harmonia.

Ó notas suaves,
soubera-vos eu
soltar, qual soltava
na lyra outro Orpheu!

Casados co'as notas dulcísonos cantos,
tão cheios d'encantos, tão ferteis d'amor,
é erro julgal-os n'um mundo tão rude:
a mente se illude, ou os olhos co'a flor.

Ó cantos preciosos,
soubera-vos eu
cantar, como cantam
os anjos no ceu!..

No baile pomposo dançando ligeira,
qual nympha altaneira, qual rosa a brilhar,
acordo p'ra vel-a; se a vêjo, não creio!
É sonho?! é enleio?! ou que lhe hei de eu chamar?!

Ó danças tão lindas,
soubera-vos eu
correr, como corre
meu peito p'ra o seu!..



ENTREVISTA NOCTURNA

Omnia vincit amor.
VIRGILIO, *Eclog. X.*

A luz d'uma lua esplendida,
alta noite, estava a bella,
pensativa, melancolica,
curvada sobre a janella.

Longa vista além voava-lhe
de quando em quando em vigia,
depois fervorosa e supplice
p'ra os ceus o rosto volvia.

Bem attenta os astros fulgidos
perguntava, mudos eram;
mas viva luz derramando-lhe,
inda animal-a poderam.

Oh! que segredos tão intimos!
ai! que sancta inclinação!
quem lhe sonhára os mysterios
do bater do coração!..

«A deshoras triste e languida
porque não dormes, donzella?
Que doçura ali no thalamo!
que frio n'essa janella!»

«Que fructo d'essa vigilia
queres tirar, anjo bom?
Ouve o sino... Deus! que lugubre
é da noite um tardo som!..»

E a donzella agora pallida
comprimia o casto seio;
porque? será dôr, ou jubilo?
amor, ventura, ou receio?..

Tudo isso: alguem chega, e rapida
eil-a em braços do seu bem!
oh! que os não vejam malevolos!
que os não persinta ninguem!

Oh! que segredos tão intimos!
ai! que sancta inclinação!
Quem lhe sonhára os mysterios
do bater do coração!..



PRENDA NATALICIA (1)

Sorri-se o mundo todo, se lá longe
o rosto do sol nado resplandece:
alegra-se a pombinha, que se aquece
co'as azas maternaes:

brincam no mar os peixes em ranchadas,
porque cada um amigos vê ao lado,
e salta, e corre, e sente-se estimado,
sempre estimando os mais:

espaneja-se a rôla jubilosa,
porque o par lhe tributa seus affagos:
mergulham satisfeitos em seus lagos
os cysnes d'alva côr:

nas arvores virentes as folhinhas
folgando umas com outras lá ciciam:
na primavera as flores, que se criam,
ajuntam seu fulgor:

acoita-se a alegria em cada peito
ao reflexo de peitos amorosos:
palpitam corações por venturosos
na sua mutua paixão:

(1) Para ser offerecida em dia d'annos por uma senhora a uma sua amiga.

e, sorrindo a amizade em rosto lindo,
não ha de n'outro rosto haver reflexo,
declarando o prazer do doce nexo
d'uma intima affeição?..

—

Virgem boa, doce amiga,
tua candura angelical,
que me anima, recompensa
me pede hoje em teu natal.

Déra-te os labios p'ra beijos,
déra-te os braços p'ra abraços,
p'ra eternisar nossos laços
tambem déra os meus desejos;
mas, se os déra, nunca eu déra
cousa nova, que hoje dou,
quando Deus, que tudo gera,
mais um anno te gerou.

Acolhe pois com bondade
o pequenino penhor,
que junto á voz da amizade
leva os perfumes do amor.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR CONSELHEIRO

A. X. DE C. E SOUSA

É lei da natureza, após o tempo,
criador da mocidade venturosa,
a senectude vir;
consequencia da mesma em tronco arboreo,
já de eras carregado, ao pé lhe virem
gomelheiras surgir.

Por tempos sobre tempos a arvor' pára,
que a ceiva já não póde ás grimpas ir-se,
e sécca, ou muda a côr.
Cahem folhas, abrigam-se os rebentos,
e ao tépido calor acode a seiva,
renovando o seu amor.

Viçosos eis os filhos! crescem... crescem...
té mui alto chegar; lá dentro exulta
o venerando pae.
Assim, meu caro amigo, entre seus filhos,
delicias dos seus olhos, vida alegre
continuando vae.



UM VOTO

> ....Ó filho, a quem eu tinha
> Só para refrigerio e doce amparo
> D'esta cançada já velhice minha,
> Que em choro acabará penoso e amaro;
> Porque me deixas misera e mesquinha?
>
> CAMÕES, *Lus.*

I

—Minha mãe, nós somos pobres,
quero ir fortuna buscar—
—Mas, filhinho, inda és tão novo,
sem mim como has de passar?—
—Mãe, eu já sei trabalhar;
onde ha trabalho ha riqueza,
hei de rico aqui voltar.—

—

Mãe e filho n'esse dia
na ermida da aldeia sua
fizeram voto a chorarem,
que ninguem ouviu na rua.

—

Ao outro dia, abraçados,
disse o filho:—Ó mãe, adeus!
ai! que não seja p'ra sempre,
Mãe sanctissima dos ceus!—
E foi-se, deixando em prantos
a mãe c'os soluços seus.

II

Já vinte annos se passaram;
grande homem por lá se fez;
sorriu-lhe o ceu, a fortuna,
co'as saudades muita vez.
E na patria, a que já volve,
vel-o-heis no fim d'um mez.

III

Grande festa vae na aldeia;
sobe o foguete ligeiro,
anda na rua o gaiteiro,
recolheu-se a procissão;
e agora a capella é cheia
de gente ouvindo o sermão.

«Mãe de Deus, Sancta das sanctas,
que tanta gente auxilias,
(diz o padre em seu discurso)
bem vês n'estas alegrias
o amor, que um povo te tem;
roga pois, Virgem, por elle,
e dá-lhe do bem, que o impelle,
em recompensa outro bem:
e á pessoa mais querida
de tanta gente, que ahi 'stá,
tua mercê concedida,
seja, Virgem, seja já.

Palavras não eram dictas,
um rumor se começou;

uma velhinha alegrou-se,
e em grande assombro de todos,
fazendo alas com bons modos,
um desconhecido entrou.

No pavimento prostrado
eis o seu pranto a cahir:
os seus labios balbuciam,
mas o que? qual seu sentir?
Ninguem sabe; se são supplicas,
ou mil hossanas votados,
para logo confessados
devem ser bons de se ouvir.

—

Foi o sermão acabado,
e o prégador afamado
já do pulpito descia;
mas a ver o novo extranho
inda o povo agglomerado
no templo permanecia:
Eis no pulpito apparece
quem conhecer se queria.

«Queridos da minha patria,
(elle assim principiou)
cá tendes quem vos deixou,
quando mal seus passos dava;
e agora, meus bons amigos,
precisados e mendigos,
a minha casa correi
a receber d'um devoto
o que for: fiz o meu voto,
este voto cumprirei.»

—

Grande festa vae na aldeia,
rufam na rua os gaiteiros,
os pobres vem chocarreiros
da casa do esmoler, cheia
para mãos cheias mandar;
sobem foguetes ao ar,
e lá dentro já lhe dizem,
que faz mal tanto abraçar!

—

Ao outro dia, sol nado,
'stá todo o povo apinhado
na ermida a outra funcção:
paga o mesmo a linda festa;
e dizem: «de egual a esta
ninguem ha recordação!»

E sua mãe, a velhinha,
que com prazer mal se tinha,
desde então era p'ra ver
c'o vestido do noivado
ás cachopas a dizer:
«tenho cá o meu ricasso,
p'ra dar-lhe logo um abraço
quero noiva outra vez ser.»



UM BEIJO PARA EXERCICIO

Pedi um beijo a Maria
por sacrificio ou favor;
ella deu-me o beijo, e eu qu'ria,
que fosse antes por amor.

— Foi favor ou sacrificio? —
perguntei-lhe eu sem pudor,
— Nada disso! um exercicio! —
respondeu-me ella em tremor.

E exercicio foi aquelle
do tal beijo, que o favor,
sacrificio, e gosto d'elle,
fez trinta beijos d'amor!



TRES BEIJOS FURTADOS

(Parodia)

Furtei-te um beijo, qu'importa,
que eu te désse um beijo assim?
Com isso não desmereces,
e me contentas a mim.

Recebe o segundo: ai! credo!
com que raiva te detens!
Diz: çujei, magoei-te o rosto?
Maldito o genio, que tens!

Ora só outro!.. E fugiste!
já mais te não posso dar!
Fizeste bem, que podias
d'este modo enregelar,
e eu com fogo mais acceso
no teu gelo constipar.

COMO O AMOR NASCE

Baixava esplendida reste
da janella ao corpo seu;
no dedo o dedal luzia-lhe,
qual brilhante camapheu;
e no regaço a almofada,
por lindas mãos affagada,
segredava o seu tropheu.

—Quem me fôra o seu bordado!..—
—P'ra que? para ser cravado?—
—Fôra p'ra mim um prazer:
por suas mãos dilacerado
deve ser doce o morrer!—

Cahiu-lhe a agulha tremente
sobre o bordado a luzir.
—Já não trabalha, rosinha?—
—Temo o bordado ferir!—

Depois seus olhos tão lindos
deslisavam pelo ceu.
—Deixa o bordado, rosinha!..
ai! porque o deixa, sei eu!—
—Disse-o ha pouco. —Pois eu digo,
que confrontando-o comigo
já não quer p'ra elle olhar!—

—Sim?! Fui má por bem querer-lhe:
tornarei a trabalhar!—

Alvo fio se enleiava,
ora a extender-se subia;
no bordado se tecia
linda rosa, que encantava.

—Como essa rosa m'agrada!
nunca a vi mais linda, não!
Mas que tem, que se entristece?—
—Matei-me por minha mão!—
—Perdão, lindinha, perdão!
rosas bordadas encantam,
sem prender o coração.—

—

Triumpha a humilde innocencia,
que o poder lhe vem do ceu.
Por gracejo amor começa;
sem limite o sinto eu.

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

TERCEIRA PARTE

SONETO

Cara alegre e lavada: um tal bigode
sempre ao pente amaciado em seu assanho:
no baixo queixo posto em bom tamanho
o talhado pincel furtado ao bode:

vá que passe; inda mal que se accommode
em feitios de gente o rosto extranho,
comtudo ás vezes d'isto o bom desenho
seu prestimo p'ra cousas conter póde.

Mas se junto em nariz arrebitado,
que em vigia se suppõe á barba preta,
qual canhão lá por dentro carregado,

apparece montada uma luneta,
picando-o, como a burro já cançado,
dá isto em resultado uma — carêta.



SONETO

Menina, que em *toilettes* só conversa,
e co'ellas incommoda em seus pedidos
o pae, que dos seus fundos bem havidos
quer gozar de maneira bem diversa;

que em bailes, em theatros, gasta a terça,
e passeios requer appetecidos
em fôfos carrocins bons e luzidos,
sem pensar no valor, que assim dispersa;

que esconde sob o leque algum defeito,
fallando donairosa ao seu feitiço
c'o pé na linda bota contrafeito;

se amar, seja feliz, que eu gosto d'isso;
mas, se acaso o que eu digo é bem aceito,
case-se, em quanto dura o bem postiço.



SONETO

Botinha envernizada, e gemebunda:
calça á moda, engilhando a cada passo:
bengala circulando junto ao braço:
a bôcca assobiando ária jucunda:

avultado charuto a vez segunda
na esquerda repousando em dedo escasso,
branco fumo expellindo pelo espaço
da cinza esbranquiçada, em que redunda:

rabilonga casaca, há pouco finda:
o chapeu da grandura d'um canéco,
trazendo a lucidez da loja vinda:

homem com isto diga-se taréco,
e teimem muito embora, eu digo ainda:
— a não ser espantalho, é um bonéco. —



SONETO

A mulher, que consulta os paes e mana
sobre qual preferir dos pretendentes;
que por causa d'um alimpa os dentes,
e por dous dá passeios á semana;

que do amor se tornou a mó tyranna,
cingida só a calculos frequentes;
que c'os tres inda os olhos não contentes
na ausencia dão a outros vista insana;

que pinta com carmim as brancas faces;
nas vestes lança aroma, que bem cheira;
e á cintura espartilhos põe tenaces;

póde ser, mas duvido, que á maneira
de assim armar engodos tão fallaces
venha caça á vaidosa ratoeira.



SONETO

Em seu fôfo sofá todo ageitado,
co'a pesada cabeça mesurando,
que já com força o somno carregando
o põe irresistivel n'este estado;

dos dentes o cachimbo pendurado,
o joelho indolente já roçando;
e pelo ar a gazeta divagando
por inercia da mão do Deputado:

fazer isto, faz todo o dorminhoco,
que cuidados não tem, nem o consomem
quer os d'outrem, quer seus, ou muito ou pouco.

Mas o mais é, que somnos mil que o domem,
a acordar lá virá este descôco:
— á fé que d'este reino sou grande homem!!—



SONETO

Se virem um fidalgo rico, ou nobre,
ou mesmo outro qualquer, que tanto seja,
respondendo ao da egualha, que o corteja,
com quasi surda voz, que em tudo encobre,

suspeitem, que ali nada ha, que sóbre,
a não ser malvadez, tolice, inveja
dos outros que mais são, pois mais deseja,
embora o desejar o faça pobre.

Mas se depois alguem mais baixo, que elle,
operario ou plebeu, que em bens desmedra,
respeitoso se curva em frente d'elle,

e elle, ufania a dar, se entésa, ou medra,
coitado de bajoujo tão imbelle!
lastimem-lhe a cabeça, que é de pedra!



SONETO

Pertinaz jogador, que por officio
manhãs, tardes inteiras, se não farta,
arriscando ao bilhar, ou n'uma carta,
ou n'outro qualquer jogo do seu vicio:

é de crer, que n'este aspero exercicio
se lhe consuma a vida, e se reparta
toda a fortuna sua, a parte quarta
não retendo sequer com sacrificio.

Depois seu futuro lhe é predicto
de miseria, deshonra, e... que sei eu,
que todos o não saibam dicto, e escripto?

O presente, esse sim, maldicto o seu!
que quer nos dentes traga seu palito,
quer não, eu vou jurar, que não comeu!



SONETO

Já careca era o padre; e co'a gordura
a calva lhe luzia çuja e quente;
e, conhecido já por toda a gente
o estupido viver d'est'alma impura,

contemplada era a fórma, e a fartura,
que a reboluda pança enormemente
a todos patenteava! E que indecente
era o trajar d'esta immoral figura!

«Esmola ao pobresinho» eis lhe diz perto
sentida voz d'alguem, que ignora haver
ali um coração d'amor desertó.

Ostenta o çujo vulto inda o poder
da avareza continua: e em tal aperto
a coçar-se lá diz: —Não póde ser! —



SONETO

Do crystallino espelho em frente posta
entretida se achava horrenda velha
a pentear a russa e vil guedelha,
que mais ao pé da orelha estáva exposta.

A filha, que de rir de tudo gosta,
e apanhal-a em conflicto se aparelha;
e em quanto a mãe revê, se pouco engelha,
mansa no canapé se põe e encosta.

Espreita, espreita, espreita: e quando encara
a vaidosa viuva o pente a pôr
por sobre a sobrancelha branca e rara,

uma risada dá com tal 'stridor,
que a velha estremecendo o pente apara,
mas toda a testa arranha, o que é peior.



SONETO

Já findada das uvas a colheita,
se dispunha o ditoso proprietario,
homem rico, e mui pouco perdulario,
a encerrar no tonel bebida feita,

quando viu, que a vasilha era imperfeita,
pois nos arcos, que tinha d'ordinario,
agora a revistava no contrario,
porque tres lhe faltavam na receita.

Contra o furto começa a voz subindo
de crise na apertada occasião,
mil blasphemias a todos dirigindo;

vem a mulher na força da questão,
e irado contra a porta a comprimindo,
lhe faz saltar os arcos do balão!



O GABADINHO

Aquelle palmito...
que bello rapaz!
o pé pequenito...
o trajo que traz...
aquillo é que encanta!
a gente mais sancta
de amal-o é capaz!

Aquellas maneiras...
aquelle ademan...
palavras fagueiras...
voz doce e louçã...
— Ó manas, a vel-o!
que porte tão bello!
que lindo galan! —

— Meninas, meninas,
visinhas, olhae! —
— Que quer, ó traquinas? —
— Além reparae... —
— Conhece-o? — De d'onde?! —
— Nem nós: algum conde,
ou duque, que ahi vae! —

— Pergunte-se á prima.
Ó prima Maria,
vê bem lá em cima...

conheces?..—D'um dia;
mui dado com todos,
bemquisto, bons modos,
a rir com quem ría.—

—E ignoras, quem seja?—
—Ignoro.—Olhe lá,
mulher, que vae, veja...
quem é, saberá?
—Se sei! foi gaiteiro,
e hoje é çapateiro.—
—O que?! ah! ah! ah!



A UMA VELHA GORDA E VAIDOSA

Que o auctor encontrou passeiando

Tu, minha caraça gorda,
velha sacca empanturrada,
onde vaes toda emproada
co' essa tranca por nariz?
Não te envergonhas, cangalho?
nem te lembras, que espantalho
podem chamar-te, infeliz?

Bem lavado o feio rosto
de que te val, se esse braço
é negro, como o cachaço,
que tens, felpudo faisão?!
Não valem mais, que caçoulas,
essas lustrosas façoulas,
malhas brancas em carvão!

Vê-te ao espelho, rafada!
olha p'ra ti, folgazona!
e troca a cara de mona
por outra feita de páo!
Que'importam esses sorrisos,
se não agradam, nem risos,
ao mais rude catimbáo?!

Chamusca o russo bigode,
que sob o nariz te cresce!
essa melena, que desce,
tinge-a de negro tambem!
Que valem aguas sobre aguas,
se em gaveta, e sobre anagoas,
mal cheira a raro vintem?

Outras sim, outras tão velhas,
mas formosas, como o ouro,
lá podem ter seu desdouro,
lá podem ter sua prôa:
mas tu, balôfa boneca,
d'algibeira assim tão secca
que mar procuras, canôa?!

Deixa os vestidos, vaidosa!
lambe o labio, rapa a nuca,
e vae-te, vae-te á peruca,
põe-na em cabeça de cão:
e então verás cousa fina
essa cabeça canina
composta por tua mão!

Se fosses rica, estimára-te
algum calculista novo:
assim não vales um ovo,
tudo em nada se reduz!
Deixa-me pois essa bola
descoberta, qual cebola,
ou toutiço de lapuz!

Remenda os queixos, aonde

talvez nem dente se encerra,
e onde o caruncho te ferra
vae, vae, p'ra casa coçar!
Quando o entrudo andar na rua,
então sim, volta, que é tua
a occasião de passeiar.



A ABELHA, E A ARANHA

Em seu volatil giro,
que ao cortiço a levava,
um aranheiro estava,
que prendeu uma abelha.
Salta a habitante velha,
e prestes toda a envolve;
socega-a, e se resolve
a dizer-lhe d'est'arte:
«Podia agora matar-te,
mas tua lucrosa vida
convem-me: sou perdida
por mel, por isso quero,
que me ensines o esmero
do artistico trabalho;
depois não só te valho
livrando-te, mas posso,
em vez d'um vil destroço,
trocar a minha sciencia
da tua pela excellencia.
Decide pois, que eu te ouço.»

Debaixo do manto oppressa
disse a abelha: «Pois depressa
tome as azas; se quer ver
da minha fabrica a pompa,
vá, por entre o enxame rompa,
que assim só póde aprender».

As lindas azas corta
a senhora ambiciosa;
e dá-lh'as carinhosa
a pobre semi-morta.

Tral-as, põe-nas, *et caet'ra;*
consegue erguer-se, voou.
E, onde a abelha a ensinou,
no cortiço penetra.

Lá por dentro examina;
e logo, antes que esqueça,
a fabricar começa
á porta da officina.

Ora o fim mau e graúdo
foi: que, em vez de mel, teia
lá fazendo, a colmeia
tapou-se, e morreu tudo!

—

Cada um para o que nasce. Se em boa sociedade
incognito imbecil as rodas vae mover,
a vida lhe fenece: a ambição mata a ventura;
e tudo soffre o mal, que um só lá foi fazer.



DOIS PAPAGAIOS

Na mesma casa ha annos
visinhos um do outro á mesma porta
dous papagaios havia
de naturas oppostas. Um se ria
mau e gordo; mas o outro, que, coitado,
sabe d'isso as razões, e não s'importa,
de consciencia dotado,
de magro resmungava,
mas nunca se queixava.

É o caso, que o primeiro,
que —Louro— todos proclamam,
a —Mouro— que assim lhe chamam,
furta, e faz-se quinhoeiro
do pão de ló, e do arroz,
que amiga mão dia a dia
em igual porção lhes poz.

E já tão farto e alegre
o maldicto se vê d'esta triste maneira,
que sempre sementeira
dos sobejos fazendo, faz vir apressados,
ou gato, ou corvo, ou cão,
que quantos comam, sejam bons ou depravados,
tantos amigos são.
E um dia depois do engodo
ter dado, olha p'ra baixo, e palra d'este modo:

—Amigos, olhae, que mono
aqui tenho ao lado meu!
a borra dos papagaios!
d'onde é que isto descendeu?!
Até me custa, que Mouro
se chame, par'cido a Louro:
eh eh eh! que corpo o seu!—

—Eh eh eh!— repete o corvo—
que nodoa na raça tens!
Ó *sór* Mouro! olá, *sór* Mouro!
Amigo cão, ali tens,
tu tambem compadre gato,
de iguarias um bom prato.
Eu vejo, e dou parabens.—

—Comel-o?! P'ra que são ossos?
retruca o Louro traidor;
nada! vejam este todo!..
p'ra rir, p'ra rir é melhor.—
E de mofas maltractado
é, quem póde, coitado,
fazer o mesmo ou peior!

No entanto pêga, que estava
esta tramoia a espreitar,
por não ter papas na lingua,
dest'arte poz-se a clamar:
—Você, sô Louro maldicto,
como ousa alçar um só grito
contra este honrado sem par?!

«Diga, sô alma damnada, essa gordura,

a importancia, que tem,
d'onde é que lhe provém?..
Cuida que assim val mais, que sempre dura
amigo e gratidão
por especulação?!..—

—Acabe-se-lhe que dar,
e ha de os amigos contar!—

Isto disse o nosso Mouro,
o magro corpo a bulir.
E pomba, que ia passando,
d'este modo fez-se ouvir:

«*A bondade bem se nutre*
do que a maldade deixou:
mas, caso que corras risco,
para valer-te eu cá 'stou.»



O PISCO E O ROUXINOL

Como a imprudente vaidade
nunca bem farta se vê:
como o orgulho na miseria
ainda mais nojento é!

—

Um pisco em alto cypreste
se fôra pôr a cantar
defronte da philomela,
que em nojo o estava a encarar.

— Vê lá! vê lá, como canto!
diz o tolo ao vêl-a ali;
emudeceste ao ouvir-me?
'stá bem claro! eu logo vi!..—

— É tempo de figurares,
(lhe responde o rouxinol)
nas decadencias do outono
nem das aves 'stou no rol.

«Agora toda a figura,
com que te posso vencer,
é de gordura sómente,
p'ra o mais não sinto prazer.—

— Que?! que?! (retruca o palerma
mesmo no pincaro além,
que se verga com a aragem)
repara n'isto! vê bem!..



O GALLO E A RAPOSA

Nunca foi considerado
pelo orgulhoso um favor;
antes sim apregoado
em desabono do auctor.

—

Ora o papo arripiando,
ora as azas a arrastar,
fazia-se entre seu bando
certo gallo respeitar.

E em tal respeito, costume
ha tanto tempo já seu,
da vaidade ergueu-se ao cume,
e ufano o collo extendeu.

Eis chegando fugitiva
uma raposa, aterrou-o;
entre os dentes o captiva,
mas, por ir farta, deixou-o.

Vozes d'elle então se afinam,
e diz ainda a tremer:
«E' assim que elles se ensinam!
venha p'ra cá quem quizer!»

EPIGRAMMAS

1.º

—Digo-lhe a verdade, amigo,
tão pateta hei sido, e sou,
qu'inda a maior das asneiras
ámanhã practicar vou!—
—A maior! muito me conta!
pois inda se não casou?!—

2.º

—Tenho um cento de namoros!
vejam, que futuro o meu!—
—Mas qual prefere a menina?—
—Ora essa! prefiro o seu.—
—E se eu morro?— Ficam-me outros.—
—E se mentem, como eu?

3.º

—Porque é que este negro aulista
tanto lhe custa a aprender?—
—É porque carvão de pedra
é custoso de accender.—

4.º

Narrou-me um caso um sujeito,
puz-lhe a duvida no meio:
proferiu *palavra d'honra,*
agora é que já não creio!
Mesmo porque honra parece
que mal vista ao mundo veio.

5.º

Diz-se ahi, que lauta meza
tem Pedro n'esta funcção:
que as despezas co'ella feitas
assombram quasi a razão!
Ora Deus queira, Deus queira,
que não lh'a estrague algum *cão!..*

6.º

— Torpe mulher tens, amigo!
feia!.. má!.. casar assi!..
— Qual casar?! Quiz-me vendido,
comprou-me bem, consenti! —

— Mas diz-me: Que vida passas
junto d'ella?.. — Com tenção
de a matar com raiva e zelos
beijo o gato, e abraço o cão! —

7.º

Dizia um joven pançudo,
amante do bello sexo:
— Isto 'stá mau! tão convexo
não s'inspira uma affeição! —
— Bom remedio! (a rir lhe brada
certa voz inesperada)
faz das *tripas* coração! —

8.º

— Quantas leguas, perguntava-se
a um velhusco mui ratão,
até ao cabo do mundo
d'esta terra distarão? —
— Não sei bem, senhor, ao certo,
(responde o magano experto)
mas o calculo me dá,
que doze ou mais ferraduras
gastaes bem d'aqui té lá! —

9.º

Do mundo ouvi fallar no acabamento,
coberto pelas lavas d'um vulcão!
Eis vejo o teu nariz! e digo «credo!
que não seja tão perto essa explosão!»

10.º

Abraçado a Joãosinho
diz-lhe um dia o bom visinho:

— Que raros homens que somos!
como nós, não ha ninguem!—
— De certo: que mais pureza
na amizade ninguem tem!—
— Quero tudo o que quizeres.—
— E, o que queiras, eu tambem.—

— A cem passos nos sentimos!—
— E inda a mais cem nos ouvimos!—

— Empresta cá por em quanto
quatro pintos: entre nós
nunca faltou cousa alguma:
são p'ra vacca e para arroz:—
(Joãosinho incommodado
traz da orelha a dextra poz...)

— Não ouviste?! olá, João?!..—
— Maldita constipação!—

11.º

A casa vem ao bom Pedro
certo amigo visitar,
mas como Pedro sahíra,
vem-n'o a mulher hospedar.

Toda a tarde ali conversa,
e o seu amigo não vem;
entretanto diz comsigo:
«feia mulher Pedro tem!»

Mas a noite se avisinha,
e mais tempo estar não quiz.
Vem Pedro, sabe-o, suspeita,
ralha á mulher, e lhe diz:

«Foi feia a acção, que fizeste,
e, se não tivesse dó,
batia-te, pois desconfio
d'esse homem comtigo só!»

— Que?! insultas-me?! Oh! encara-me!..—
— É verdade: tens razão!—
— Sim! olha bem p'ra o meu rosto!—
— Outra vez?! Isso é que não!—

12.º

Já de cans toda coberta
disse uma velha: — Meu Deus,
mui penosos me tem sido
n'este mundo os males meus! —

— Inda o bem, diz voz ignara,
á sua porta ha de chegar!—
— Que? como? — a infeliz accode —
inda sirvo p'ra casar?!—

13.º

—Quanto pago de transporte?—
disse dentro da estação
um pançudo.—Paga pouco:
da pessoa é um tostão:
a pipa vá ser pesada,
e o custo lá lh'o dirão—
Gritam fóra «Não ha pesos!
nem cabe n'um só vagão!»

14.º

És rico, bello, nobre, e presumido,
das damas agradado com prazer,
dos homens respeitado, e attendido!
Contemple-se o que um tolo póde ser!

15.º

—Ah! morte! morte maldicta!—
diz a esposa a contemplar
o marido no accidente,
que não lhe costuma dar.
—Ai, não! não morri, querida!
(diz o esposo a vir á vida)
salvo se n'este entremeio
algum medico cá veio
sua receita applicar!—

16.º

— Casa-se hoje D. Engracia
c'um noivo bom a acabar:
rico, bello... e mais que tudo
grande medico sem par!—
—Que?! medico?! sancto Deus!
pois assim ella p'ra os ceus
tão depressa quer voar?!—

17.º

Queixa-se Eugenia da sorte,
que tem no mundo mofina,
e diz que quer uma morte.
Isso bom remedio tem:
dirija-se á medicina,
que, em vez d'uma, achará cem!

18.º

Faz-se junta ao pobre enfermo,
para que fim? p'ra o salvar?
Não: para se achar o meio
de nenhum modo escapar!

19.º

Esculapio d'alta fama
toma o pulso, e diz: vae mal!
Barbeiro na ausencia d'este
vocifera: não ha tal!

e o doente são aprompta.
Agora pergunto: qual
medicina é mais segura:
de rebolo, ou de hospital?!..

20.º

Fez sua jornada um *quidam*
por uma terra, em que achou
gente robusta, e direito
cada velho, que encontrou.
«N'estes sitios não ha medicos?!»
admirado perguntou.

21.º

Esculapio velho e gordo
pede o espelho, encara a tez,
e já de dores transido
diz: — chegou-me a minha vez! —
E em mortal abatimento
chora, chora, o seu tormento.
— Chore, chore — diz-lhe a moça —
é de bem que agora possa
saber o que aos outros fez! —



SONETO

Ornado de postiça cabelleira,
luzente, negra, linda, e bem penteada
por artista de grande nomeada,
que sabia dos outros ver a asneira:

assim, sem lhe saberem da lazeira,
galanteio a fazer á namorada
ia andando um janota, d'escapada
compondo com as mãos a cachaceira.

Mil cousas dictas já entre a resalva,
se ajusta um bom consorcio sem rivaes,
que o mutuo amor jurado tudo salva.

Mas ao despedir-se, oh! boleus fataes!
o chapeu leva a coma, surge a calva:
a dama cospe fóra, e... nunca mais!



SONETO

Em volta d'uma meza contumazes,
caras de arremeter, audaz topete,
attentos a jogar o voltarete
estavam, alta noite, tres rapazes.

As cartas, que de nada são capazes,
por levarem comsigo seu valete,
obrigam a dizer: que — só cacete! —
pois todos perdem já c'os pretos azes.

«Viciosos! viciosos! (entra o dono
da casa a dizer alto) inda a insistirem!
Embora! embora! vae chegando o somno!»

Mas elles, sem remissas dividirem,
no jogo tambem mettem o tal mono,
e o codilho lhe pregam, de não irem!



SONETO

De fétida surrapa a taça cheia,
pela mão çuja e trémula escorrendo,
muita gente este quadro escarnecendo
o torpe beberrão ali rodeia.

Co'a aposta apresentada uma mão cheia
mostra ao homem o bem, que está perdendo,
em quanto que uma voz, demora vendo,
diz anciosa: «não vae! fui eu! ganhei-a!»

Oh! caso nunca visto! oh! bôjo infindo!
quem vendo isto inda o póde acreditar?!
que, tal não dicto bem, tudo engulindo!

Mas inda que mais é para pasmar,
é que afflicções com isto após sentindo
pediu mais, para a peste aniquilar!



SONETO

Mettido entre os lençoes, já alto dia,
estava requintado preguiçoso,
sentindo no enxergão o bello gozo,
que achava sobre a palha tão macia.

Não pensava estudando, pois não lia:
nem incommodo leve ou cuidadoso
tambem era: era ocio, era repouso,
repouso, por ser elle, que assim qu'ria.

Eis na rua começa, e augmenta logo
um alarido mau, em labyrintho
dizendo ao fim da escada: ha fogo! fogo!

Entra gente com agua a pôl-o extincto,
em quanto o ocioso diz: «Aquillo é jogo!
não me tiro d'aqui! inda o não sinto!»



SONETO

Cavalgando n'um lazaro jumento
ia por uma tarde certa bella,
que a nomeal-a flor, ou rica estrella,
não mentira, quem visse um tal portento.

Mais ligeiro a caminhar n'este momento
lá vinha em direcção opposta á d'ella
seu *derriço*, que ao vel-a em tal cancella
se foi desconhecido ao seu intento.

Maldiz a desgraçada a triste sorte,
que teve n'este encontro tão fatal,
e jura ao pobre burro hedionda morte.

Adivinha-o o infeliz, e vae mortal;
em quanto p'ra mais pena alguem diz forte:
«Ali vae uma rosa a cheirar mal.»



SONETO

Com o lapis na mão, papel diante,
á busca d'uma rima p'ra um soneto
estava ao pé da avó travesso neto
com fumaças de bardo petulante.

Por embirrar a musa n'este instante,
findo o segundo verso d'um quarteto,
só via p'ra rimar o lapis preto
no seguinte por falta de consoante.

Olhava para o tecto, e já zangado
as unhas remordia sem ter dó
de si mesmo, soffrendo em tal estado.

«A final! a final achei!» diz só:
e comtodo o soneto já rimado
o nariz foi limpar á velha avó.



[illegible]

Um certo, que tão tímido e cobarde
presuppor outro igual, por impossivel,
não póde algum mortal, inda o mais crivel
sandeu de nomeada e grande alarde:

assim na doce chamma, em que o amor arde,
se mettêra; e, bem como o combustivel,
que corre para o fogo irresistivel,
pretendêra fugir, mas fôra tarde.

Outro que tal, rival, mas resoluto,
com a tez afogueada, e a voz de rei,
o intimída, fallando em morte e lucto,

Eis lhe morde um mosquito: e o mais, que sei,
é, que em tal susto o põe, que exclama hirsuto:
«Um punhal! quem me acode?! Aqui d'El-rei!»



SONETO

Do pincaro d'um monte alcantilado
se despenhára immenso um tal penedo,
que na queda fatal fazia medo,
pois tudo ao seu encontro era arruinado.

De toda a parte grita apavorado
cada qual a metter-se no arvoredo,
ou n'um sitio qualquer, em que o rochedo
rebolando lhe poupe o ser amado;

senão quando pasmosa fanfarrice
um ostentar pretende e foribunda,
as costas aparando com tolice.

Riu-se Deus de miseria tão profunda,
e por vingança propria da ratice
o penedo lhe poz feito em carcunda.



SONETO

Sobre uma rôta albarda cavalgando
travesso alugador de magro burro,
ora a dar sua pernada, ora alto zurro,
co'as esporas o ia a tal forçando.

Caso extranho este sendo ao miserando,
a quem já a jornada sabe a esturro,
por querer defender-se n'este apuro
maior a maior couce vae juntando.

Mas d'uma tasca á porta manda o fado
um pouco descançar, que o montador
sua gôtta ali beber tem sempre usado.

Ao pagar chega ao pé o vendedor,
e logo um couce tendo, exclama irado:
«Espere! quem me paga é seu senhor!»



SONETO

Forcejando debalde um pobre poeta
por deixar o leitor de attenção presa,
pensando escrevia; e n'esta empreza
quanto mais meditava, mais pateta.

E não tendo já livro ou tinta preta
na parca livraria, ou sobre a mesa,
que não tivesse dado á ideia accesa,
p'ra assim motivar lagrima ou careta,

na testa bofetada sobre murro
começou a assentar de modo tal,
que por fim lá lhe foi cheirando a esturro.

Mas em todo este lance, natural
d'um perro toleirão, ou grande burro,
o rasgo d'um leitor fez tal e qual.

SONETO

Teimoso em conquistar certa donzella,
a quem votado eu tinha a vida inteira,
enviar-lhe um soneto (forte asnéira!)
resolvi, assignando-me — PORTELLA.

Mas a nympha, que á raça de cadella
não fugia, por ser má e trapaceira,
á margem respondeu: — senhor FERREIRA,
p'ra que serve esta rude bagatella?

Desconsolou-me o caso, e no papel,
em que a dura resposta fui achar,
escrevi «Pobre amante és tu, MANUEL!»

Mas depois mais no caso indo scismar,
dei razão, que o soneto era infiel,
pois me tinha de pernas para o ar!

FIM DA TERCEIRA PARTE.

REFLEXÕES SOBRE O LIVRO DO SR. PORTELLA



I

Em Portugal, conforme aquella cavalheirosa tradição dos poetas arabes, de todas as provincias do reino partem alguns a suspender nos muros da sua Kaba as brilhantes offerendas das flores da sua mocidade.

A gente préga os olhos n'estes peregrinos do mundo das phantasias e Eldorado das visões, segue-os um pouco, mas perdendo-os de vista, ignora o fim da sua mysteriosa viagem, e o logar aonde assente o desconhecido templo.

A não haver ahi nas charnecas do Alemtejo ou desvios da Beira uma Kaba, não posso entender que fadario obrigue os poetas a abandonarem por tal peregrinação os recintos occultos, que lhe povoam fadas allucinadoras, wallys, ondinas, e quantas imaginações póde criar um coração ferido por um raio de lua. Realmente uma fada é preferivel a um editor, a um critico, e sobretudo a um *publico*. Na verdade este olha com tal desdem as galanices maviosas da poesia, que parece um sultão mazombo, estendendo os olhos dorminhocos pelos grupos voluptuosos do harem, rescendendo mil perfumes.

Não sei qual é mais admiravel, se a pertinacia dos

poetas, se a indifferença superciliosa do publico illustrado.

Lamente-se a innocencia dos primeiros, e jubilem as entranhas com a fatuidade do segundo em se chamar... publico. A culpa é toda dos escriptores que teimam em illudir-se.

Dirija-se alguem a muitos dos seus concidadãos, e pergunte-lhes, se fazem parte do publico portuguez; um responderá, que é da junta geral do districto, ou vereador, outro que é da associação dos advogados; e sem entender a pergunta alguns invejarão a honraria de fazer parte do publico, outros hão de tomal-a á conta de epigramma á sua individualidade, quando muito pertença de suas esposas. E tudo continuará excellentemente. Deixem-se estas cogitações: o rouxinol em todas as primaveras canta. O Sr. Bulhão Pato e outros são d'opinião que a flor da balseira se inebria com os devaneios do mencionado passarinho; eu, porém, e um padre da minha visinhança entendemos que elle faz tanto caso da bonina, como da couve lombarda.

Fez muito bem o Sr. Portella em imitar aquelle melodioso cantor. Poetou porque assim lh'o pedia o coração; demais, creio sinceramente, que muitas boas almas se hão de embalar com seus maviosos cantares, e rir á farta com as sahidas da sua musa muitas vezes chacoteadora e petulante.

II

Conforme o rythmo da vida humana, e indole do nosso encantado paiz, o amor tem a primeira e melhor parte do livro do Sr. Portella.

A arte póde colorir e animar as concepções mais brilhantes, isso porém não é bastante: o brilho offusca, cega e não deixa medir compassadamente as perfeições da criação; a verdade, porém, é calorosa, attractiva e torna-se amada, porque todo o coração reconhece as suas mais intimas sensações nos arrobamentos do poeta.

O lyrismo dos tempos modernos, sendo uma reacção esforçadissima contra o acanhado e chato sentir da vida de todos, levanta-se quasi sempre exagerado, revolto e sobremaneira filho do temperamento scismador, melancolico, sarcastico ou mephystophelico do cantor.

A poesia parece nascida d'uma nevrose e não da medida ondulação d'um seio florescente de vida. Admiravel pela superabundancia de sentimento é todavia censuravel por seus desvaires. Perturba com lampejos a serena contemplação do ideal humano.

A poesia antiga era o canto, o rumor de todas as almas recebido attenta e religiosamente pelo vate; flor maravilhosa do instincto dos povos, era a expansão d'um sentimento essencialmente verdadeiro.

A poesia era um culto, o poeta um sacerdote.

Hoje nenhum de nós se atreverá a considerar como sacerdotes Santos Alvares, Banville ou Barrillot.

Acredito que elles mesmos não ficariam muito lisongeados com o atrevimento.

Ora o Sr. Portella cantando o amor, seguiu a inspiração da sua mocidade e os conselhos da bemfadada natureza da nossa patria.

Os seus versos por isso n'este assumpto nasceram ternos, magoados, e muitos encantadores. N'algumas endechas parece, que a pomba d'Anacreonte lhe feriu com a aza as cordas da sua lyra. Foi o Sr. Portella n'este caso, em começar pelo amor, um poeta antigo, e sobre tudo

verdadeiro, correspondendo ás sentidas aspirações de sua alma e ás vibrações da alma do nosso povo.

III

O Sr. Portella transpassa-se tambem dos jardins d'Armida aos ermos das cogitações philosophicas e lugubres.

Este genero de poesia não encanta geralmente. Tem de passar primeiro pela intelligencia dos outros, para que entre no coração; este processo é lento de mais para excitar grandes sensações. Uma das cousas essenciaes á poesia deve ser a facilidade em ser comprehendida para se fazer sentir; d'aqui vem, que é preciso dar ás ideias uma fórma concreta e viva, usando para este fim d'imagens tiradas da natureza.

O Sr. Portella nas suas poesias reflexivas mostra alguma dureza, obrigado pela logica do assumpto e esterilidade d'imagens. O poeta desvia-se algumas vezes por soturnas imaginações em cousas que apenas deviam inspirar-lhe saudade ou tristeza, estado proprio do homem, muito differente do que apresentam as suas estrophes allucinadas.

A poesia das campas não eleva, assombra, e em vez d'acordar uma animadora confiança no destino humano, dá-nos a beber por craneos a beberagem do terror e das duvidas.

Quem não conhecer o Sr. Portella, lendo este ultimo periodo, talvez o imagine um homem pavoroso e medonho.

Deus nos livre! Em muitas paginas facetas do seu livro hão de ver, que o poeta ri, como todos, quando seus olhos acertam com algum typo exótico ou alguma scena piccaresca da comedia humana.

As satyras e epigrammas do Sr. Portella, apezar de bastante engraçados, não correspondem todavia ás exigencias da critica.

O poeta avista um nariz aggressivo e fóra de si, aperta-o na tenaz de duas rimas. Um sugeito é calvo e namora; com a ponta d'um epigramma levanta-lhe o chinó, dando com elle na cara da requestada menina.

Isto não é realmente comico, é patusco e farçante.

Socrates era achamboado, Aristophanes cambaio, Panecio zanaga, etc.

Um chinó, ou um grande nariz não embaraçam um grande pensamento.

Satyrise o Sr. Portella os maus costumes, as ideias injustas, as ninharias enfatuadas, em fim o que é realmente ridiculo e improprio da dignidade dos homens.

Estude os bons modelos n'este genero, que lhe auguro um bom futuro de poeta comico.

Eu terei bastante gloria em ver realisada a minha prophecia.

Antonio d'Azevedo Castello Branco.

INDICE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE







